

# AUTORES & LIVROS

3-2-1949

Ano IX

**Diretor e redator: MUCIO LEAO.**  
**Gerente: LEONARDO MARQUES.**  
**Secretário: SÉRGIO R. VELLOZO.**  
**PREÇO — Cr\$ 2,00**

N.º 3

Vol. X

## NOTICIA SOBRE EUSEBIO DE MATOS

Euzébio de Matos nasceu na Bahia em 1629, e era filho de Pedro Gonçalves de Matos e de d. Maria da Guerra. Era irmão de Gregório de Matos, o grande satírico.

Euzébio estudou Humanidades no Colégio dos Jesuítas da sua Província. Ali tomou a roupa, em 14 de abril de 1644. Um dos seus companheiros de estudo foi seu irmão Gregório, e ambos tiveram como um dos mestres o Padre Antonio Vieira. Veio ele a ser substituído desse grande mestre na cadeira de Retórica.

Orador poderoso, em breve estava Euzébio de Matos colocando na mesma linha de Vieira e Antonio de Sá, os dois mais altos representantes da tribuna sagrada naqueles tempos.

Além de orador, era poeta, músico, pintor e desenhista, e conta-se que em tudo era magistral. Vieira disse dele que Deus se apoiava em o fazer em tudo grande e não o fôra mais por não querer...

Talvez resultado de tanta superioridade de espírito, não tardaram a medrar contra ele porfidas intrigas no seio da corporação dos Jesuítas, na qual ele tomara ordens sacras.

A principal dessas intrigas dava-o como pai de vários filhos, informação que o Licenciado Manoel Pereira Rabelo, no estudo sobre Gregório de Matos, que hoje acompanha a edição das Obras Completas desse poeta, (Vol. 1.º — "Sacra") não parece querer negar. Verdadeira ou mentirosa, a notícia se espalhou e, como consequência dela, Euzébio de Matos se viu forçado a deixar a Companhia de Jesus. Tomou, então, o hábito das Carmelitas, com o nome de Frei Euzébio da Soledade. Contar-se que o Padre Vieira, certo dia foi informado de que ele havia deixado a Companhia de Jesus. Perguntou qual o motivo que o induzira a tal ato. E quando lhe contou, meditou:

— O Padre Euzébio de Matos é de tanto merecimento, que ainda a ser certo o que lhe querem impor os seus inimigos o devia a Companhia sustentar com filhos e tudo, só por não perder tão grande homem. Talveceu Euzébio de Matos na Bahia, em 1 de julho de 1692.

Na sua vida, que se estende por mais de 60 anos, não há lances dramáticos, nem sequer intensos, a não ser o episódio do rompimento com a Companhia de Jesus. No mais, tudo lhe parece ter corrido calmo e tranquilo: é a imagem tradicional do mar de rosas. Nasceu na Bahia e morreu na Bahia, sem jamais de lá ter saído. Passou a vida num convento, e quando o convento viu a encer-

rar-se. Como estamos longe da existência tumultuosa e ardente do seu mestre e seu modelo Antonio Vieira, aquele que se fez conselheiro de reis, que tratou como embaixador com potências estrangeiras, que enfrentou os sangrentos senhores do tribunal do Santo Offício! Como estamos longe até do seu rival em eloquência, do seu rival em culto a Vieira, esse bom Antonio de Sá, que com tanta piedade soube exprimir os seus tristes pensamentos nillistas no "Sermão das Cinzas"!

Euzébio de Matos é, como os demais oradores e escritores sacros, do seu tempo, um apaixonado das galas e das loucas do estilo, um cultivador de sutilezas e de equívocos. Eis um trecho de uma das mais belas práticas do seu "Ecce Homo":

"Foi-se a vida do homem a trazer os cuidados no Céu, se a vida do bruto é trazer os cuidados na terra, como vivemos nós como brutos, sendo homens? Tanta cuidados para a terra, e nenhum cuidado do Céu! Oh! Como no dia de juízo não hão de examinar os nossos cuidados! Oh! como aquele homem nos há de culpar de brutos! Aquêles espinhos se armarão contra nós, aquela Capa denunciara guerra; aquelas cordas serão flagelo; aquela cana será vara; aquelas chagas clamarão vingança; aquêles sangue, justiça. Que fazendo-me eu homem (vos dirá aquêles Senhor), que fazendo-me eu homem para que tu te salvasses, te não salvaste tu! Porque não viveste como homem? Quais foram todos os meus cuidados, senão a tua salvação? Por ti padeci as afrontas desta Coroa, desta Purpura, desta Corda, deste Cetro e destas Chagas. Por ti padeci mil açoites à Coluna, dos quais duzentos e sessenta e seis chegaram a descobrir meus ossos. Na cabeça padeci setenta e duas feridas. No rosto, cento e vinte botetas. Cento e nove pancadas em todo o corpo. Deramei em terra dezotto mil e cento e vinte e cinco gotas de sangue. Fui posposto a Barrabás, fui sentenciado a morte, fui morto, fui sepultado. Quid est quod debui ultraeque vinca mea, ed non feci. Que mais devia eu fazer de minha parte? E tu, de tua parte, que fizeste? Viveste como bruto, e não como homem, todos os cuidados para o mundo e nada para a tua salvação". (Ecce Homo, ed. da Estante Clássica, p. 68)

Escreveu:

1 — Ecce Homo — Práticas pregadas no Colégio da Bahia nas sextas-feiras, à noite, mostrando-se em todas o Ecce Homo. — 79

págs. in 4.º — Lisboa — 1877.

2 — Sermão da Soledade e Lágrimas de Maria Santíssima, pregado na Sé da Bahia — In 4.º — Lisboa — 1881.

3 — Sermões do Padre mestre Euzébio de Matos, etc. Parte 1.ª, que contém 13 sermões — 434 págs. in 4.º — Lisboa — 1894.

É uma publicação póstuma, organizada por Frei João de Santa Maria, companheiro de Euzébio. A obra deveria ter quatro volumes; mas não prosseguiu na publicação.

— Oração fúnebre, nas exéquias do Ilmo. e Revmo. Sr. Dom Estevam dos Santos. Bispo do Brasil, celebradas a 14 de julho de 1872 — 54 págs. in 4.º — Lisboa — 1735.

É publicação póstuma. — Estante Clássica da Revista da Língua Portuguesa. Volume XI — Euzébio de Matos — Agosto, 1923, 108 págs. É a reprodução do Ecce Homo, com prefácio e notas de J. J. Nunes.

Sacramento Blake dá notícia de inéditos de Euzébio, que se encontram desaparecidos: Sels Sermões do Rosário; uma coleção de poesias, que terá sido acrescentada a um dos grossos volumes de manuscritos do seu irmão Gregório de Matos.

### FONTES SOBRE EUSEBIO DE MATOS

— Rinko Sacramento — *Dicionário Bibliográfico*. II vol. pg. 308.

— Barbuda, Julio — *Literatura Brasileira* — p. 120.

— Bento, Murilo — *Antologia Baiana — A Renascença* — 1-II-1849.

— Carvalho, Ronald de — *Pecuna História da Literatura Brasileira* — pg. 95.

— Freire, Landellino — *Estante Clássica — Revista da Língua Portuguesa*, n. 25.

— Moita, Artur — *História da Literatura Brasileira — Período de Formação*. pg. 439.

— Nunes, J. J. — *Prefácio e notas no volume da Estante Clássica*.

— Pessoa, Frota — *Crítica e Polêmica* — pg. 18.

— Perdigão, Henrique — *Dicionário Universal de Literatura* — p. 138.

— Paranhos — Haroldo — *História do Romantismo no Brasil* — 1.º vol. p. 52.

— Romero, Silvio — *História da Literatura*, 1.º vol. p. 168.

— Romero, Silvio e João Ribeiro — *Manual da História da Literatura Brasileira*, 1.º vol. p. 168.

— Romero, Silvio e João Ribeiro — *Manual da História da Literatura Brasileira* — p. 22.

— Silva, Costa e — *Ensaio Biográfico-crítico*, 9.º vol.

— Silva, Inocêncio da — *Dicionário*, vols. 2 e 3. (Continua na pág. 33)

## ECCE HOMO. PRACTICAS PREGADAS

NO COLLEGIO DA BAHIA AS  
sextas feiras à noite, mostrando-se em todas o  
*Ecce Homo*: pello Padre Eusebio de Matos,  
Religioso da Companhia de Iesus, Mestre de  
Prima na sagrada Theologia.

Offerecidas

AO SENHOR

BENTO DE BEIA DENORONHA,  
Inquisidor Apostolico do Sancto Officio da Inquisição de  
Lisboa, & Conego Prebendado na Sê de dita Cidade, &c



LISBOA.

Na Officina de IOAM DA COSTA.

M. DC. LXXVII

Comtada as licenças necessarias.

Página de título da 1.ª edição do ECCE HOMO,  
de Eusebio de Matos (1677)

## SUMARIO

PAGINA 25:

— Notícia sobre Eusebio de Matos.

PAGINA 26:

— Prática Primeira do "Ecce Homo" de Eusebio de Matos.

PAGINA 27:

— Poesia de Eusebio de Matos:  
— Parodiando uma poesia de Gregório de Matos.  
— Poesias litúrgicas entre Eusebio de Matos e seu irmão Gregório de Matos.  
— Aos Tormentos de Cristo  
— Aos coites de Jesus Cristo  
— Ao Ecce Homo  
— A lançada que sofreu Jesus Cristo  
— A canonização do beato Stanislau

PAGINA 28:

— Plutarco, por Mucio Leão.

PAGINA 29:

— História do Jornalismo no Brasil: Henrique Chaves.  
— Biografia de Henrique Chaves.

— Uma carta do Sr. Raul Chaves a Mucio Leão.

PAGINAS 30 E 31:

— A Vida dos Livros.

PAGINA 32:

— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea.

— Segunda série — Antologia da Prosa — XXVII — Leo Vaz.

— Notícia sobre Leo Vaz.

— Araruca (Capítulo de romance) de Leo Vaz.

— Nonissimo Testamento, do Leo Vaz.

PAGINA 33:

— "O Corvo" de Poe — VIII

— Tradução de Gondim da Fonseca.

— Otávio Kelly.

— Bernardino de Sousa.

PAGINA 34:

— Cronologia da Escravidão.

— O Museu de Arte Moderna.

PAGINA 35:

— O inventor dos discursos Acadêmicos.

— Uma estatística acerca dos discursos Acadêmicos (da Academia Brasileira).

— Os livros da Academia Brasileira de Letras.

PAGINA 36:

— Poemas de Deolindo Torres:

— Poema post-eclipse

— Eu te amo

— Libertação

— O mundo do poeta

— Poema (Para meu amigo Mauro Mota)

— Poema (Nasci para remear poesia)

— Acerca do Diabo (de "Florencia de Exemplos"), de João Ribeiro.

— A obra completa de Adelino Fontoura.

## UMA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA

A primeira parte de AUTORES E LIVROS constitui uma gigantesca "História da Literatura Brasileira" que, no tamanho regular de livro, já formaria dois volumes de quinhentas páginas. Os números já publicados constituiriam os dezesseis capítulos iniciais da referida obra, a saber:

Século XVI:

I. Pero Vaz de Caminha

II. Pero Lopes de Souza

III. Padre Manoel da Nóbrega

VI. Padre José de Anchieta

V. Gabriel Soares de Souza

VI. Bento Teixeira

VII. Pedro de Magalhães Gandavo

VIII. Padre Fernão Cardim

IX. Padre Quirício Oaxa

X. Padre Jerônimo Rodrigues

XI. Padre Leonardo do Vale

XII. Padre Luiz Figueira

XIII. Padre António de Araújo

XIV. Dez jesuítas da nossa literatura.

Século XVII:

I. Padre António Vieira.

II. Gregório de Matos.

III. Eusebio de Matos.

## UM CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO

Como um dos números das comemorações do centenário de Rui Barbosa, a Academia Brasileira de Letras pensa em promover, em outubro do corrente, a realização de um Congresso de Escritores Luso-Brasileiros. Para esse fim, serão convidados alguns ilustres vultos da cultura lusitana, contando-se entre esses o sr. Julio

Dantas, presidente da Academia das Ciências de Lisboa.

Na mesma ocasião, o Instituto da Língua Brasileira — que, como se sabe, existe no Distrito Federal e tem vinda atuação no Brasil todo — pretende também realizar um Congresso de seus associados. Terá esse o título de Congresso da Língua Brasileira.

# Prática 1.ª - DOS ESPINHOS - Eusebio de Matos

Se quizesse Deos, Catholico auditorio, te quizesse Deos, que entre as escuridades dessas noites, amanhaceassem luzes a nosso defengano! Mas que luzes se podem esperar da Pragação, sendo para a empresa tam desluzido o Pregador! Nam deixo de conhecer esta verdade, & com tudo eu me animo a tam difficultada empresa, porque me anima grandemente o estar presente a nossos olhos, aquelle Aluo de nossos corações: Animate a presença daquelle chagada figura do nosso amante Iesus, porque suprirão suas vistas, onde me faltarem as razões: & os que se nam mouerem pelo que lhes propuzer aos ouvidos, nam deixarão de lastimarse pelo que lhes representar aos olhos. Temos o exemplo entre mãos: Quiz Pilatos mouer a lastima, & a piedade o pouo de Hierusalem, & levando ao Senhor a huma varanda sobre hua praça de gente innumeravel, mostrou aquelle pouo endurecido, aquelle Senhor chagado, & rompeo nas palavras que citei por Thema: *Ece Homo*. Pois Presidente Romano, todo effe he o apparato de vossa eloquencia? A tão limitado periodo? Só a duas palavras reduzis a importancia de vossa oração? Nam vedes a rebeldia desses animos, que pretendes mouer? Pois como com tão poucas palavras os intentos persuadir? Porém para que eras as palavras aonde estavam as vistas. Trouxe Pilatos a publico hum homem Deos, coroado a cabeça com barba diadema de penetrantes espinhos, pendente aos hombros hua injuria purpura, lançada afrontosamente hua corda ao peçoço, nas mãos atadas cruelmente hum feptro de cano, o corpo todo a força de duros golpes, banhado em diluuios de sangue: que triste! Que sentida! Que lastimosa espectáculo! Pois a vista de espectáculo tão lastimosa, para que era necessario mayor eloquencia? De que fernão as figuras da Rhetorica, onde estava tão lastimosa figura? A que podião mouer as palavras, que melhor não mouerem aquellas feridas? Que podião intimar as vozes, que melhor não persuadiriam aquellas chagas? Onde fallauis aquellas chagas não eram necessarias outras vozes, por isso Pilatos como teve que preferir aos olhos, eouo meos de persuadir nos ouvidos: porisso a materia toda de sua oração, reduzio se a duas palavras: *Ece Homo*.

Ditinhão, que com tudo o pouo fe não moueo: Respondendo, que fe não moueo o pouo, nem fe abrandou, porque pedindo a Pilatos que lhes tirasse o Senhor de sua vista: *Tolle, Tolle*, concedendo Pilatos com as vozes o pouo, & por ventura que fe lhe não tirasse o Senhor dos olhos, fe lhe mouerem os corações; mas dado caso que aquelle auditorio fe não mouesse, eu ouço a muy diuerso auditorio, em prego a hum auditorio tão Christão, tão docil, & tão piedoso, que desconfiando de mim mesmo, do successo não desconfio, porque creyo que a vista daquelle Senhor tam maltratado, não hauerá entre nós quem fe não enternecesse, ainda quando em todo o mundo nam ouuera quem nolo pregasse: & sendo isto affirm certo, que importa que ao Pregador falte a sufficientia, fe no auditorio fobra a piedade; & que importa que não de eu ternuras que ouir, quando dos chagas que ver, quando fe não mouer o coração pelos ouvidos, mouerem pelos olhos, quando mouerem as palavras feridas, tu primas as vistas lastimosas, & acubras com vossa a vista daquellas Chagas, o que vos não persuadir a evidencia de milhas razões: especialmente porque de vós, Iesus, & Senhor meu, de vós espero que deis tal efficacia a minhas palavras, que obrem como fe não

forão minhas: inspiray Senhor tão altamente em meus differos, que na mudança de feus procedimentos conheço todos, que fe falei eu, obrastes vós, & nos corações dos que me ouuem, tão diuinamente infundis, que confessem todos as fem razões de suas vidas, na força de minhas razões. Oure Senhor vossa graça onde faltar minha eloquencia, que entre estas escuridades melhor fahirão vossas luzes; oh finaste o golpe de vosso soberano impulso nos tristes eceos de nossa combatida dureza: finaste vosso poder em nosso defengano, vossa graça em nossa resolução, na mudança de nossas vidas a força de vossas misericordias, & veja-se claramente, que tendo humana a diligencia, foi superior a execução.

Porém eu não fei verdadeiramente, não fei a que haja de mouerem com a presença daquelle Imagem de Christo: procurei mouerem a temor, ou a esperança? A temor do castigo, ou a esperança do perdão; para huma & outra cousa acho razões naquella mesma figura: acho ally razões para esperar o perdão, porque aquella he a Imagem de Christo em quanto homem: *Ece Homo*: E Christo em quanto homem he nosso fiador, & aduogado, disse o S. Paulo: *Que proposuit Deus propitiorem in sanguine ipsius*: Acho ally também razões para temer o castigo; porque aquella he a Imagem de Christo em quanto homem: *Ece Homo*: E Christo em quanto homem he o fiscal de nossas culpas, & o juiz de nossas acções; disse o mesmo Christo: *Tunc videbit filium hominis venientem cum potestate, & Molestate magna*. Temos logo naquella Imagem representado a Christo como juiz, & como fiador, amante como fiador, rigoroso como juiz; como juiz para temido, como fiador para buscado; qual ha de fer agora a nossa empresa? Buscado como amante, ou temido como rigoroso? Huma, & outra cousa hauemos de fazer, buscado, & temido; buscado porque como amante nos affegura o perdão; temido, porque como julgador nos ameaça o castigo. Este vem a fer o assumpto que seguirei estas noites, em cada huma delleas discorrerei sobre huma das insignias daquelle sagrada Imagem do *Ece Homo*: E em cada qual veremos que fe mostra Christo muito amante, & muito rigoroso, porque desta forte em cada qual rferemos o perdão, & temamos o castigo, ou para melhor dizer, para que desta forte habamos cuidar o castigo, felicitar o perdão.

E começando pela Coroa de espinhos digo. Primeiramente que nos deuemos animar a pedir o perdão de nossas culpas aquelle Senhor, em quanto coroado de espinhos, porque está affim muy amorofo, em quanto affim coroado acho eu que as pontas daquelle coroa feruem indecissamente a Christo de feitas para o coração, que de espinhos para a cabeça, porque ao mesmo passo que como instrumentos da crueldade, lhe estão ferindo a cabeça, como feitas de amor lhe estão atravessando o coração; naquella inclinação que fez Christo na Cruz sobre o peito, mostrou ao mundo a coroa de espinhos que tinha na cabeça, mas mostrou também com a cabeça os affectos que tinha no coração: para descobrir os affectos foi meo mostrar os espinhos, & nam podia o mundo ver o espinhos, tem que juntamente viste os affectos: como feu amor lhe hauea tecido aquella coroa, fez das pontas da coroa indices de feu amor, por isso com a cabeça apontou para o peito; & fez da cabeça coroada de espinhos, mostrador dos affectos, que hauea no coração. Oh meu Iesus da minha alma! Oh meu amantissimo

Iesus, que lastimado, que ferido, que atormentado que estais! Mas ah Senhor, & como estais amorofo! Como estais enternecido! Como estais para buscado! Só os espinhos poderão impedirmos o caminho de buscarmos; mas fols vós tam amorofo, que quereis ter martyrizada a cabeça, a tiogo de não termos nós molestados os pés, por isso os espinhos que puderam fer efforto a nossos pés, pondeis vós sobre vossa cabeça: oh que amante que fols meu Deus! Oh como declararam bem as pontas dessa coroa os pontos de vosso amor! E que bem fe declara o fino de vossos affectos no agudo desses espinhos! Bem he verdade, que para lavar nossas culpas, ou para abrandar nossa dureza, brotao de vossa diuina cabeça, & correm de vosso diuino rosto fentida, & dous rios de sangue; mas que importa que corrao os rios, fe nam podem apagar os incendios, que importa que corram os rios, fe effes raios que

sobre fy o castigo; notauel força de amor! Que tome Christo sobre fy o castigo, para que nós configamos o perdão! Leuou Abraham da espada para degolar a seu filho Isaac, & no traçar do golpe, vio a hum Cordeiro a cabeça cingida de espinhos: *Inter repres harentem cornibus*: tomou logo o Cordeiro, fez delle o sacrificio, & Isaac que estava destinado a morte, ficou gozando da vida. Graue concurso de mysterios! Isaac destinado a morte, representa ao genero humano: Abraham ameaçando o golpe, representa ao Eterno Padre resolutu a dar o castigo; o Cordeiro representa a Christo, & para que Isaac nam finta o golpe, o Cordeiro fe expoeu no sacrificio, para que nós nam padecemos o castigo. Christo he o que fente o golpe, mas com effa aduertencia, que o Cordeiro estava coroado de espinhos: *Inter repres harentem*; Christo coroado de espinhos, he o que toma sobre fy a morte,

brotao daquelle espinhos: em quanto temos occafião de nos aprouitar daquelle fanguue aprouitelemos & aprouitelemos agora, porque agora he a occafião.

Digo que agora he a occafião, porque agora temos aquelle Senhor como aduogado, que quando o vimos como juiz: oh Deos Eterno! Aquelles mesmos espinhos que feruem agora de nós atahir, haão de feruir enão de nos atormentar, & fe por nós estam agora armados, enão os vemos armados contra nós: porque entam nós ha Deos de tomar muy estreita conta daquelles espinhos. Sam os espinhos daquelle coroa huma representaçã da: inspiraçoes de Deos, & bem o mostrou affim Christo nos Cantares, quando tendo a cabeça cheia de orvalho, bateo às portas daquelle alma que dormia: *Aperi mihi Soror mea, quia caput meum plenum est rore*: Notam. A alma dormindo he huma alma Christãa decaída de sua fualação, Christo com a cabeça cheia de orvalho, he Christo coroado de espinhos, & com a cabeça roçada de sangue; os golpes que Christo daua às portas daquelle alma sam as diuinas inspiraçoes, com que Deos nos bate às portas, & para que entendeffemos, que os golpes com que Deos bate às portas de huma alma, são effectos daquelles espinhos por isso vinha Christo coroado de espinhos, quando batia às portas daquelle alma: aquelles golpes que fentimos no coração, aquelles remorsos da alma, aquelles estímulos da conciencia, que vos parece que sam, fe nam effectos daquelles espinhos, que no mesmo passo que a Christo lhe estam passando, & atravessando a cabeça, a nós nos estam pungindo os corações; pois por isso digo, que nos ha Christo de tomar muy estreita conta daquelles espinhos, porque nos ha de tomar muy estreita conta das diuinas inspiraçoes.

Considero eu a Christo coroado de espinhos hum Sol cingido de raios, feruindo de raios os espinhos; porém o que agora sam raios para nos illuminar, algum dia ham de fer raios para nos consumir: porque tanto fe ham de armar no depois em nossa ruina, quanto conspiram agora em nossa illuminação; em quanto aquelle Senhor he nosso aduogado, todas as diuinas inspiraçoes sam em nosso favor; mas quando aquelle Senhor fer nosso juiz, ellas mesmas nos haão de feruir de mayor castigo. Disse Christo, que o Espirito Santo hauea de arguir ao mundo no dia do Juizo: *Cum venerit ille arguet mundum de peccato*: pois valham Deos, não he o Espirito Santo o que mais fauorece o mundo? Não he elle o que os dá as diuinas inspiraçoes? Pois como ha de fer elle o que fe ha de pôr contra o mundo? Por isso mesmo: porque o Espirito Santo dá ao mundo as inspiraçoes, por isso fe ha de armar contra o mundo; os que tiverem obrado, feruendo as inspiraçoes diuinas, pouco torão que temer, mas aquelles que reffistram sempre às diuinas inspiraçoes, aquelles que nunca obedecerão aos auxilios diuinos, o quanto temam que temer, & quanto temam que recear!

Fielis tende entendido que tocamos no ponto de mayor importancia, que se pôde trazer aos pulpitos, porque aqui topa todo o negocio de nossa fualação, ali não ha fualação sem auxilios diuinos; mas também raffistando nos aos auxilios diuinos, não ha fualação: fe diuinos Deos feus auxilios diuinos, vós cooperastes, & obedecestes, ficão os auxilios efficazes, & fualastes; mas fe vós lhe reffististes, & não cooperastes, ficão os auxilios insufficientes, & perdetesnos. O Espirito Sancto, que nos inspira os

(Continua na pág. 29)



## PRACTICA I.

Dos Espinhos.

Ecce Homo. Ioann.19.



E quizesse Deos, Catholico auditorio, se quizesse Deos, que entre as escuridades dessas noites, amanhaceassem luzes a nosso defengano! Mas que luzes se podem esperar da Pragação, sendo para a empresa tam desluzido o Pregador! Nam deixo de reconhecer esta verdade, & com tudo eu me animo a tam difficultosa empresa, porque me anima grandemente o estar presente a nossos olhos, aquelle Aluo de nossos corações: Animate a presença daquelle chagada figura do nosso amante Iesus, porque suprirão suas vistas, onde me faltarem as razões: & os que se nam mouerem pelo que lhes propuzer aos ouvidos, nam deixarão de lastimarse pelo que lhes representar aos olhos. Temos o exemplo entre mãos: Quiz Pilatos mouer a lastima, & a piedade o pouo de Hierusalem, & levando ao Senhor a huma varanda sobre hua praça de gente innumeravel, mostrou aquelle pouo endurecido, aquelle Senhor chagado, & rompeo nas palavras que citei por Thema: *Ece Homo*.

Primeira página do ECCE HOMO, de Eusebio de Matos

fobre-faem a cabeça, publicam que ha incendios de amor, que fe ateão no coração. Já apparece Deos a Moyses, & apparece-lhe cereado de espinhos, & insinua: *Vadam, & videbo ignem hanc*: vamos ver este mysterio: & que conueniencia, que propoream tem o fogo com os espinhos? Em Deos tem muita conueniencia: os espinhos eram a materia de sua coroa, o fogo eram os incendios de feu amor, & em Deos andam muy acompanhados incendios de amor, & coroa de espinhos: o mesmo he em Deos coroar de espinhos, que abraçar de incendios: o mesmo he padecer na cabeça os espinhos de sua coroa, que fentir no coração incendios de feu amor.

Pois fe tam amorofo temos a Christo, quando coroado de espinhos, quem duvida que nos concedera facilmente o perdão de nossas culpas? Antes imagina eu que nstun coroado de espinhos, toma sobre fy o castigo de nossas culpas, para que feu Eterno Padre nos conceda facilmente o perdão. São os espinhos o castigo de nossas culpas: *Spinæ, & tribula perueniunt illi*: & se estes espinhos tem Christo sobre sua cabeça, claro está, que para effuzarmos do castigo a nós, tem

para que nos logremos a vida, toma sobre fy o castigo, para que nós configamos o perdão; ha mais ardente fínca! Ha mais efremado amor.

Verdadeiramente, que quando vejo a Christo affim coroado de espinhos, eu me pertuado, que aquella coroa, ou vem a fer a luurea com que em fclencia de amor fe grada Christo, ou vem a fer o Diadema, com que celebra Christo, o triumpho de feu amor: & que estando aquelle Senhor tam amorofo, tenhamos nós animo para o offender! E que tenhamos coraçam para o agriuar? Que effeja Christo coroado de espinhos, & que viuamos nós coroados de rofais! E o que mais he, que cometendo as offensas, nam folicitemos o perdão? Pois fiela nam duuides fer perdoados, porque está aquelle Senhor muy amorofo: aquelles espinho que atravessão a cabeça de Christo, de tal maneira são instrumentos para o molestar, que juntamente tam, ou etimulos para nos mouer, ou etimulos para nos atahir: parece que nos estam tirando pelas capias nam permitem aquelles espinhos que passassem, tem que lancemos mão daquellas rofais, lancemos mão daquelles gotas de fanguue, que effas são as rofais que



# Poesia de Eusebio de Matos

*Parodiando com palavras forçadas outras dez estâncias de seu irmão Gregório de Matos, no retrato de certa D. Brites, formosa dama da Bahia, por quem o último estava apaixonado.*

Quem vos mostrar mudada a bizarria,  
Da cara, que lus dava à bela Aurora,  
Creio nenhuma afronta vos faria,  
Se a morte contemplasse em vós, Senhora;  
Porque, sem lus vereis naquele dia  
A cara que brilhar vedes agora,  
Que então haveis de ter, só por esteira,  
Ver em cinza desfeita a cara bela.

Horror então será esse tesouro,  
Que hoje naufraga em ondas de cabelo,  
Trocando, com moritório desouro,  
Só em fealdade quanto tem de belo:  
E se por áureo, vende agora ao ouro,  
Então a terra há de convencê-lo  
Que quem na vida vive celebrado,  
Perde na morte as prendas de adorado.

Esses olhos, que hoje olham tão sem tento,  
Então não hão de ser o que hoje são;  
Por quanto, se hoje são da luz portento,  
Das trevas hão de ser admiração:  
Se por tão claros, hoje dão contento,  
No hão de dar então consolação;  
Porque verão o fim a seu desejo,  
Terminar nas cavernas que eu cá vejo.

A boca, que por ser tão pequenina,  
Conquista a cor do cravo, e a do rubi;  
Trocará quanto tem de peregrina  
Pela mais triste boca que eu já vi;  
Eu atendi chamar-lhe alguém divina;  
Mas confesso, Senhora, que o não cri;  
Porque entendo, que havia a vossa boca,  
Pela de uma caveira fazer troca.

Esse aljófar, que agora se desata  
Para brilhar melhor nesse rosol,  
Não mostrará do nácar viva prata  
Quando vir consumido o seu coral;  
Ostentas, que por golpes de esmeralda,  
Mostram o rutilante do cristal;  
E então, no decorado do marfim,  
Dentes só se hão de ver, mas não carmin.

O peito, que hoje é fragoa do amor cego,  
Não será fragoa então, nem será peito;  
Porque, por dar à Parca seu ossóquio,  
Perderá quanto tinha de perfeito:  
Se em algum tempo foi de fogo emprego,  
Então verá em si tão rijo efeito,  
Que julgará impróprio a tudo o mais,  
Que não chegar a ver prodígios tais.

A causa que algum tempo foi amor,  
Aqui motivará tal ódio, e tanto,  
Que não verá o mundo outro maior  
Na fabulosa luz do seu encanto;  
Porquanto, o que causava tanto ardor,  
Da mesma fealdade será espanto;  
Sem ver em si figura, nem sinal,  
Das dois botões, que tinha de cristal.

Das mãos hei de dizer, pois me aventurei,  
Que se sua beleza agora mata,  
Seu horror matará então seguro,  
Quando tímido agora desbasta:  
Que se agora são prata, e cristal puro,  
Então não hão de ser cristal, nem prata;  
Pois ossos não de ser, que vão formando  
Odanhos, que vão mortos sepultando.

Por os olhos na cinta não me atrevo,  
Porque a vejo de carne tão sucinta,  
Que já me não suspendo, nem me elevo  
Da beleza que via nessa cinta;  
De eu a ver, na garganta a morte levo;  
Porque, por feia a vejo tão distinta,  
Que não se atende dessa formosura  
Mais que um osso, que serve de cintura.

Do pé ia a falar: mas tate, tate,  
Que não tem nada o pé de peregrino:  
Oh loucura de Amor! Oh desbarate!  
Aqui, minha Senhora, desatino!  
Quem consumiu o pé; quem lhe deu mate!  
Mas ali que a terra o viu tão pequenino,  
Que por não ver em si sua pégoa,  
O picante do pé, tornou em nada.

## Poesias Litigiosas

Entre os dois irmãos

GREGORIO e EUSEBIO DE MATOS

Aos tormentos de Cristo

Sedenta estava a crueldade humana  
De agravos, e tormentos  
Contra a Excela Divina Magestade,  
Doce emprego de amor, suma bondade;  
Que conhecendo a sem-ração tirana,  
E os bárbaros intentos, entre vícios,  
Com que deixando tantos benefícios,

Prodígios e favores:  
Os homens lhe pagavam com rigores:  
De um fino amor e paciência armado,  
Se entrega a padecer com tal cuidado:  
Que o tormento que instantes lhe faltava,  
Maior tormento a seus desejos dava.

O ódio os incutava à cega gente;  
Pois a um Deus, sumo bem Onipotente,  
Rei dos céus e da terra,  
A paz dos anjos, e do inferno guerra;  
A cuja voz os orbes se estremecem,  
E a água e ar, terra e fogo lhe obedecem:  
Chegam a aclamar rei de zombaria;  
E com tal ousadia,  
Que usurpando-lhe o culto merecido,  
Ao verdadeiro tratam por fingido:  
Que até um Deus, que a réu se há sujeitado,  
Como, fingindo rei se viu tratado;  
Que causa quem se humilha, em baixos peitos  
Destruição de cultos e respeito.

De espinhos a coroa lhe teceram;  
E se outra mais cruel tecer puderam,  
Fazer-lha de si próprios, não se ignora  
Que cada coração espinho fôra,  
Setenta e duas fontes caudalosas  
Da sagrada cabeça desatadas,  
De púrpura banhadas  
Deixaram frescas rosas,  
Não em botão formosas:  
E vendo o puro sangue verdadeiro  
De Cristo, inocentíssimo cordeiro,  
Cada qual torna a Deus o fabuloso,  
Fazendo espedir o precioso;  
Fois o divino sangue parecia,  
Quando ao rosto descia,  
Entre máguas e penas  
Chuveiros de rubins sobre assucenas.

Mas quem viu, doce agrado dos meus olhos,  
Jamais a flor ferida dos abrolhos?  
Porém, como entre romanas mãos se viram,  
Da condição de homens se vestiram;  
Porque da flor, jamais a formosura  
Dos homens entre as mãos viveu segura.

Deixai, Senhor, que sinta o meu cuidado,  
Ao verdadeiro amor vé-lo vendado;  
Pois o que a um Deus mentido  
Fêz a gentildade; hoje atrevido  
Fazê-lo a vós, que sós Deus de verdade!  
Oh vã gentildade!  
Se bem, Senhor, com tanta diferença,  
Que tie sóto se vê; vós, meu Bem, preso:  
Ele venerações, e vós desprezo.  
Mas sendo vós, Senhor, linces divino,  
Foi cego desatino;  
E este injusto rigor sofrer não posso.  
Mas permiti-lo, foi mistério vosso;  
Porque as finessas vendo entre os amargos,  
Tapais os olhos por não ver estragos,  
E se acaso esses olhos soberanos  
Tapais, só por não ver olhos humanos:  
Da minha alma tirai a torpe venda,  
Porque vendo quem sós, não vos ofenda.

Aos agostos de Jesus Cristo

Oh cega tirania,  
Armada de furor e de ousadia,  
Que (inocente cordeiro) vos condena  
Do mundo à mais vil pena!  
Mas, se por livrar-me dos maiores,  
Vos sujeitais dos homens aos rigores;  
Com razão devo crer, pelo que vejo,  
Satisfaz seu rigor vosso desejo:  
Pois, como a vil escravo,  
A finessa trocando pelo agravo,  
E vos querem matar, porque não querem.

A lançada que sofreu Jesus Cristo

Sacrilego e arrojado,  
Sem vista, e cego de ódio um cruel solado,  
Com lança penetrante,  
Rompe atrevido o peito mais amante:  
Mas, por lavar ofensas rigorosas,  
Fonte de brancas e encarnadas rosas  
A ofensa procurou tão apressada  
Que pelos olhos dentro d'alma entrada,  
Aquêle que não cria no que não via,  
Creu no que via, e viu o que não cria;  
E com o poder divino,  
Lhe deu seu destino o melhor tino:  
Pois vendo o lado aberto a seu respeito,  
Em lágrimas desfeito,  
O coração de dor quis Deus se armasse,  
Porque à ponta de lança o céu ganhasse.

Ao Ecce Homo

Hoje, que tão demudado,  
Vos vejo, por meu amor.

Espero, enfim, meu senhor,  
Me hei de ver por ganhado.  
Satisfazei meu cuidado,  
Já que assim vos chego a ver;  
Pois só vós podeis fazer,  
No mal que sentindo estou,  
Que deixe de ser quem sou,  
E seja como hei de ser.

Já vejo aos homens clamar  
Por vossa morte, impacientes;  
E dos tormentos presentes,  
Inda a mais querem apelar.  
Os termos se hão de trocar,  
Que hoje a fé quer advertida,  
Vendo em pena tão crescida,  
A que é bom que se reporte,  
Clamar porque vos dê morte;  
Clamar a vós me deis vida.

Pilatos compadecido  
De vos ver como vos via,  
Outra condição vestia  
Para vos mostrar despido  
Eu também, amor querido.  
Vendo excesso tão atroz,  
E o estado em que vos pôs  
O impio povo ruim;  
Já que vos despiu por mim,  
Me quero eu despir por vós.

Dispam-se contentes vãos.  
Loucuras, cegas vaidades;  
Atém-se as mãos às maldades,  
Se à bondade lhe atam mãos;  
Fiquem pensamentos sãos,  
E a soberba se desfaça:  
No peito a humildade nasça;  
Morrá a culpa, que me priva;  
Porque não é bem que eu viva  
Quando morre o autor da graça.

Este é o homem (dizem)  
Pilatos, que se entenece;  
Mas quem a Deus desconhece,  
Mal conhecer-se podia.  
A minha esperança fia  
De vós, que alentos lhe dá  
Uma fé, que viva está;  
Que do amor no desempenho,  
Começa o mal que em mim tenho;  
E veja o bem que em vós ha.

Correu-se a nuvem sagrada  
Dessa vossa vestidura;  
E do sol a formosura  
Se mostrou toda eclipsada!  
A flor, por homens pisada?  
Oh que pena me causais!  
Pois quando assim vos mostrais,  
Conheço, ó pai amoroso,  
Que por seres tão piedoso,  
A tal piedade chegais.

A bárbara crueldade  
Dos homens, senhor, me admira;  
Pois se vestem da mentira  
Para despir a verdade:  
Não querem ter piedade,  
Porque os cega a sem-ração;  
Porém, não é muito, não,  
Quando o seu rigor os prostra,  
Que com patido se mostra,  
Mal pode ter compaixão.

Hoje me guia o destino  
A amar-vos; que não é bem  
Ter amor grosseiro a quem  
Tem em vós amor tão fino:  
Pois, quando a amar-vos me inclino,  
Maior culpa amada prendo,  
Fôra amar-vos sem emenda;  
Porque vendo esse amor vosso,  
Se ofender-vos ver não posso,  
Como é bem que vos ofenda?

A canonização do beato Stanislaw

Na conceição o sangue esclarecido;  
No nascimento a graça confirmada;  
Na vida a perfeição mais regulada;  
E na morte o triunfo mais luido:  
O sangue mal na Europa competido;  
A graça nas ações sempre admirada;  
A perfeição no breve consumada;  
O triunfo no eterno merecido.  
Tudo se vinculou ao ser profundo  
De Stanislaw; que a glória do seu nome,  
Foi ser portento ao céu, prodígio ao mundo.  
Por isso teve a fama de tal sorte,  
Que o fazem nela vinda, sem segundo,  
Conceição, nascimento, vida e morte.

# PLUTARCO

## Mucio Leão

No começo de sua *Vida de Demostenes*, tem Plutarco esta frase: "Quanto a mim que, nascido numa cidadinha, gosto de ali residir..." E estas onze palavras assim reunidas poderiam servir de síntese para a existência desse que é um dos maiores escritores que em todos os tempos tem honrado a humanidade.

### A VIDA DO ESCRITOR

Plutarco nasceu em Queroneia, modesta cidade grega, localizada sobre o golfo de Lepanto, nos confins da Beócia e da Fócida. Queroneia ficou célebre, nas páginas da história, por três motivos. O primeiro, foi a glória sem igual de ter sido o berço do maior historiador grego; o segundo, foi ter sido o campo de batalha em que, em 388 antes de Cristo, Felipe dominou os atenienses e os tebanos; enfim, foi ter sido, em 86 antes de Cristo, o cenário da vitória de Sílvia contra Mitridates.

Sua paisagem é triste e sem beleza, refletida em escuros pântanos e esmagada pelos grandes cimios próximos do Parnaso e do Citeron. Emílio Gebhardt, que visitou a região natal de Plutarco, ali encontrou apenas três ou quatro casebres de cabreiros. O mais, era anjereza, solidão, desolação.

É aquela uma das regiões gregas mais ricas de tradições mitológicas trágicas e sombrias. Afastando-se duas ou três léguas de sua cidade, Plutarco chegaria às margens de Copais, onde se encontra o antro de Trofonio. Poderia ouvir, ali de envoltas com o vapor dos perfumes sagrados, a voz tenebrosa das profecias.

Ali estava, também, muito perto de Queroneia, a região sangrenta em que Oedipo matou Laio, e em que se iniciou o mais pavoroso drama grego — o drama do assassinio, do incesto, da dor, do desespero, o drama em fim da crueldade dos deuses esmagando os homens, a horrenda e sinistra Orestes.

Foi ali que, em data incerta (talvez nos últimos anos do reinado de Claudio) nasceu o escritor. Pertencendo a uma família das mais tradicionais de Queroneia e era bisneto de Nicarco, contemporâneo da batalha de Actium, neto de Lamprias. Este era um homem jovial e gracioso, e dele dizia o neto: "Quando ele bebia, tinha o espírito mais fecundo e inventivo do que nunca. Podíamos compará-lo, então, com o nêctar, que o calor faz evaporar, e que exala um odor suave". Quanto a seu pai, cujo nome ele não nos diz, era, ao que podemos depreender de conceitos encontrados aqui e ali nas suas *Vidas* e nas suas demais obras, um espírito igualmente feito de ponderação e de razão.

A região em que nasceu Plutarco passava, desde séculos, por ser incapaz de produzir aqueles frutos fabulosos da graça, da arte e da inteligência, apatagios imortais da Grécia.

Nascer na Beócia, ser um beócio — eis um título humilhante já aquele tempo. Eis um estigma que se eternizou até aos nossos dias. E, entretanto, era isso uma grave injustiça, pois ali tiveram seu berço um grande poeta como Píndaro, um grande guerreiro, um chefe, um homem público de raro esplendor, como Epaminondas.

Foi, pois, ali, que nasceu Plutarco, num lar em que existiam pelo menos mais dois irmãos — Timon e Lamprias. Do primeiro, recebeu o escritor as provas constantes do amor, da admiração e do carinho. Ele agradece aos deuses o dom incomparável que recebeu da vida — a amizade e a benevolência desse irmão queridíssimo.

Nada se sabe dos seus estudos, a não ser, pela multiplicidade dos assuntos de que tratou, que deveriam ter sido constantes, esforçados e sinceros. Quando moço, residia em Atenas, onde estudou filosofia, onde se tornou devoto das lições de Platão. Seu espírito mobil e inquieto, porém, era desses que não se acham capazes de aderir de uma vez a uma só ideia. E, platonista a seu modo, ele teria sido também o estoico e até cético. Sabe-se que em Atenas teve como mestre o filósofo Ammonio de Alexandria.

Desde moço, as qualidades severas e puras de seu espírito foram reconhecidas e mereceram admiração. Certo dia foi escolhido pelos seus conterrâneos para, em companhia de outro queroneense, ir em embaixada ao pro-consul. O seu companheiro teve que interromper a viagem e Plutarco desincumbiu-se sozinho da comissão recebida. Ao regressar, com a missão coroada de êxito, ouviu do pai um conselho prudente; o de que devia dizer, ao se referir aos trabalhos dessa embaixada, não eu fiz, porém nós fizemos — como se nela tivesse tido sempre a cooperação do companheiro.

Maior prova de reconhecimento das suas qualidades de ponderação, de severidade e de pureza não lhe poderiam ter dado os seus compatriotas do que aquela que lhe deram ao escolhê-lo grande sacerdote de Apolo. As funções do seu cargo eram várias e diferentes. De cinco em cinco anos cabia-lhe presidir a abertura dos jogos pítios, a Pítiada. Mas a sua tarefa constante era estar perto do templo do deus, zelar pela boa ordem e a conservação das coisas sagradas e a comodidade dos peregrinos.

Parece que Plutarco teve outras distinções, além da escolhida para grande sacerdote. Há quem creia que Trajano lhe conferiu a dignidade consular. Há quem acredite que ele foi intendente da Grécia e da Ilíria.

A verdade é que, mesmo recebendo essas honrarias, contentou-se em exercer funções modestas e obscuras. Os estrangeiros que chegavam a Queroneia vinham, muita vez, ocupado em medir tijolos, em tomar o peso do cal e das pedras, para a construção dos edifícios. Achavam isso tarefa demasiado humilde.

Não é por mim que eu o faço, respondia Plutarco. E' por minha pátria". E acrescentava: "Haveria talvez baixaza, num homem de Estado que por si mesmo se ocupasse com tais cuidados; mas quando ele o faz pelo bem público, não tem razão de corar, porém só de orgulhar-se, em dar atenção às coisas mínimas".

Era já escritor consagrado, entrado em anos, quando visitou Roma — o que parece ter ocorrido nos tempos de Vespasiano. Ali conheceu um grupo de homens ilustres, contando-se entre estes Sotio Senecion, que foi quatro vezes consul, e a quem ele dedicou as *Vidas de Grandes Homens*.

Sabe-se ainda que era casado e que sua esposa, de nome Timosene, filha de Ariston, lhe deu vários filhos.

São essas, creio, as circunstâncias mais conhecidas da vida de Plutarco. Faleceu ele em data até hoje incerta, entre 120 e 134 da nossa era.

### AS "VIDAS DOS HOMENS ILUSTRES"

Plutarco ficou representado, na literatura universal, pelas suas *Obras Morais* e pelas *Vidas dos Homens Ilustres*.

Nas *Obras Morais* encontram-se reunidos seus numerosos tratados, versando assuntos os mais diversos, como a educação, a música, as superstições, os oráculos, a vida familiar, as curiosidades astronômicas, etc.

Seu grande título de glória literária é, porém, a galeria das *Vidas dos Homens Ilustres*.

Vindo depois de Herodoto e de Tucídides, depois de Tito Lívio, Plutarco encontrou um caminho ainda não explorado nos estudos de história: a reconstituição da história pela biografia dos grandes homens. Possuindo uma intuição profunda da psicologia de cada homem e da psicologia dos povos, olhando as figuras e os momentos em que elas floresceram com a argúcia e o saber de um filósofo, logrou ele transformar suas biografias individuais em síntese perfeitas da existência das nações. *Bíblia dos heróis*, chamou Emerson às *Vidas dos Homens Ilustres*. E quando Carlyle chegou aquele conceito de que a história não é mais do que a biografia dos heróis — não estava acaso pensando em Plutarco?

Sabe-se que o processo de Plutarco consiste em estabelecer um certo paralelismo histórico entre a Grécia e Roma. A um grande homem que floresceu num desses países, corresponde outro grande homem assim essas biografias duplas: Teseu e Romulo; Licurgo e Numa; Solon e Valério Pulicrila; Temístocles e Camilo; Pericles e Fabio Máximo; Alcibiades e Coriolano; Timoseno e raio maximo; Pelopidas e Marcelo; Aristides e Cato; o Censor; Pílopo e Flaminio; Pirro e Mario; Lisando e Sílvia; Cimon e Luculo; Nicras e Crazzo; Eumene e Sertório; Agessilau e Pompeu; Alexandre e Cesar; Focion e Cato de Utica; Demostenes e Cicerão; Agis e Cleomene e Tiberio e Caio Graco; Demetria e Antonio; Dion e Brutus. E' uma cronologia formidável, que se inicia no dilúvio de Deucalião, cerca de 1.500 antes da era cristã, e se prolonga até Otton, cerca de 70 da nossa era.

Nessas numerosas biografias, o que ressalta não é já o rigor da cronologia, o esmerado no acurar as datas. Plutarco pouco se preocupa com esses elementos puramente materiais, essa espécie de andaimagem da história. O que ele ama, o que ele deseja, é o flagrante psicológico, o traço ligeiro e fugitivo, que o recorte de uma fisionomia, o colorido de um espírito, de uma alma.

Paixão idêntica teve Suetônio. Mas como divergem os dois historiadores! Este, o romano, é malicioso, é irreverente, é, no fundo, má língua e difamador. Tem a amizade do príncipe, pode vasculhar os arquivos imperiais. E tudo lhe serve para fazer correr um boato malicioso, para abrir de surpresa uma alceva e mostrar um pecado, para indagar um viciado, ou um poltrão, ou um mentiroso. Cobrirá de baldes um Cesar, mostrando-o em atitude torpe na corte do rei da Bitúnia, e apanhando anedotas nas quais o grande capitão é chamado de rainha. Cobrirá de uma chufa que jamais se há de desfar de um Tibério e um Cláudio.

Plutarco, o amigo dos heróis, andará pelos caminhos opostos. Ele procura e registra, sem dádvia, a anedota, tanto quanto Suetônio; mas nunca será a anedota líbrica ou facéunda; será aquela que possa ajudar a compor a fisionomia de um homem quando não a de um super-homem. E' interessante considerar algumas delas.

Esta, da vida de Paulo Emílio: "Conta-se que, no dia em que o povo, por um voto unanime, resolveu dar-lhe a direção da guerra contra Perseu, Paulo Emílio encontrou, ao chegar em casa, cercado da multidão que o aclamava, sua filha Tercia banhada em prantos. Tomou-a ao colo e perguntou-lhe qual a razão de tantas lágrimas. Respondeu-lhe a criança: "Como, pai? Você não sabe que Perseu morreu?" Era um cânone que ela criava, no qual tinha dado aquilo nome. "Tanto melhor, minha filha, respondeu Paulo Emílio. Eu aceito o augúrio".

Esta, de Agessilau: "Convidaram Agessilau certa vez a ouvir um homem que imitava o canto do rouxinol. Ele recusou, dizendo: "Eu já ouvi o rouxinol".

Esta, do mesmo Agessilau, encerrando um traço comum a tantos outros grandes homens: "Conta-se que, quando os seus filhos eram pequenos, Agessilau brincava com eles, correndo a cavalo sobre um canhão. Surpreendido por um amigo nessa postura, ele lhe pediu que não contasse a ninguém o que havia visto, antes de ser, por sua vez, pai".

Este diálogo de Demostenes com Focion: "Focion, disse Demostenes, se algum dia os atenienses se enfurecerem, te matarão. — Mas se voltarem a razão será a ti que não de matar, Demostenes".

E seria um infundável rol de anedotas, de episódios, de frases de intenção filosófica ou moral, se quiséssemos percorrer as páginas sugestivas do historiador, a mostrar aqui Alcibiades vaidoso e frívolo, cortando a cauda do seu paio para dar que falar a Atenas; ali Aristides escrevendo para uma condenação ao ostracismo o seu próprio nome numa tábia que lhe entregava um rústico, um rústico que desejava condená-lo pelo simples razão de o saber um justo; e Alexandre repartindo pelos seus generais o domínio do mundo e guardando para si apenas a esperança.

E as mulheres — que galeria maravilhosa elas não formam. Como o historiador se transfigura em poeta para no-las retratar! Vêde, agora, Roxana, surpreendida pelos olhos de Alexandre quando dançava com outras moças em côro e desde então dona do coração do guerreiro. Vêde Volúnia, a mãe austera de Coriolano, única força abençoada, capaz de dominar o coração do filho, repleto de ódios. Vêde Porcia, a filha de Cato, a esposa de Brutus, levando o sagrado amor doméstico a todos os sacrifícios. E vêde, enfim, Cleopatra, a dominadora incomparável do coração dos guerreiros, a vencedora de Cesar e de Antonio, o sorriso, a graça, a beleza flagelando a pobre alma dos homens.

III

### INFLUÊNCIAS EM MONTAIGNE E EM SHAKESPEARE

Esse historiador, esse filósofo, esse moralista assim fecundo e rico, tem uma glória incomparável; vem sendo através dos séculos, o mestre dos maiores genios literários...

Não se pense, porém, que a sua glória tem passado livre dos negativistas e dos adversários. Um rude panfletista, Paulo Luiz Courier, dizia dele: "Ocorrêdo, agora, um Plutarco, que se está imprimindo em Paris. E' um historiador divertido, e bem pouco conhecido daqueles que não têm a sua língua. Todo o seu mérito reside no estilo. Ele não se incomoda com os fatos e só registra aqueles que lhe convêm. Todo o seu cuidado está em parecer um habil escritor. Plutarco faria Pompeu ganhar a batalha de Farsalia, se isso pudesse arredondar um pouco a sua frase. E tinha razão. Todas essas tolices, a que damos o nome de história, só têm algum valor com os ornamentos do gosto".

Se Courier nega Plutarco, há, em compensação, uma legião de grandes autores para louvar e amar o historiador grego. Vauvenargues opina que em nenhum escritor o genio e a virtude estão tão belamente pintados quanto ao autor das *Vidas*. Sainte-Beuve diz que Plutarco sozinho teria a força de tornar viva e sensível a antiguidade. Anatole France confessa que foi ouvindo, numa classe ginasial, a narração do encontro de Cleopatra com Cesar, na página plutarquiana, que teve a primeira revelação da beleza...

Mas, se quiséssemos aqualitar a influência imensa que Plutarco tem exercido na literatura universal, bastar-nos-ia estudar o seu reflexo em dois autores de verdadeiro genio — em Montaigne e em Shakespeare.

Quanto a Montaigne, ele proclama que é Plutarco "o mais judicioso autor do mundo". E vai ao extremo de dizer que os seus *Ensaio*s são feitos com resíduo de marca de Plutarco sobre Montaigne é enorme. Mas a marca de Plutarco sobre Montaigne é enorme. Em cada página dos *Ensaio*s está o autor das *Vidas*, citado uma e muitas vezes. Numerosas das exemplos que Montaigne usa são bebidos no historiador grego. E muitas das reflexões filosóficas que ele tece são inspiradas em meditações avulsas das biografias do grego. E quem sabe se aquele sistema dispersivo e inconsistente, abundante e vário, dos *Ensaio*s, não o foi Montaigne buscar nas igualmente ricas e variadas *Obras Morais*, do autor querido?

Mais flagrante, talvez, do que em Montaigne, é a influência de Plutarco em Shakespeare. Há peças do grande poeta inglês que nos parecem simples transposições do historiador grego. E' claro que Shakespeare e Plutarco — o mais a paixão, e mais a poesia, e mais aquela coisa indefinível e imponderável, que se chama o genio dramático. Mas, de qualquer maneira, ele está em Plutarco — é ele Plutarco, Shakespeare é Plutarco em Timon de Atenas, em Julio Cesar, em Antonio e Cleopatra. Shakespeare é Plutarco ao nos pintar a alma de Timon, embebida de justo ódio contra os homens, e em flagrante contraste com a alma de Apemantius, feita de uma filosofia que não passa, no fundo, de inveja e de despeito. Shakespeare é Plutarco, no seguir, traço a traço, o grande drama de amor de Antonio, inteiramente dominado pela formosa Egípcia, a ponto de entregar a Otavio os louros de uma vitória que lhe cabia, e isso somente para seguir na delirante fuga a serena perdida e maravilhosa. Shakespeare é Plutarco ao pintar a tragédia do fim da vida de Cesar, com a corte dos amigos traidores, o vaticínio tenebroso de Calpurnia, e aquela alma de bronze de Porcia, o tipo sem igual, em toda a galeria shakespeariana, da mulher forte, inteiramente devotada ao amor de um homem possuído do sagrado ardor político.

Ser o mestre, o guia, o exemplo, para Montaigne e para Shakespeare! Eis a suprema glória de um autor! E' bem certo que Apolo soube amar o grande sacerdote do seu templo, na cidade de Queroneia.



# HISTÓRIA DO JORNALISMO NO BRASIL

## HENRIQUE CHAVES

O nome de Henrique Chaves viverá eternamente na gratidão dos brasileiros. Ele foi um daqueles vanguardistas aventureiros e felizes que, em 1875, resolveram invadir os grandes oceanos da publicidade jornalística em nossa terra, e fundaram a *Gazeta de Notícias*.

Dizer isso é dizer muita coisa. Henrique Chaves não se ariscou à aventura sozinho: foi para ela em companhia de três companheiros destemidos — Manuel Carneiro, Elísio Mendes e Ferreira de Araújo.

Dos quatro, é claro, o maior, como escritor e jornalista, é Ferreira de Araújo. Foi uma vocação prodigiosa, a dele, enquanto viveu, e depois de morto, o corpo dos louvores, que o cercou, foi arrebatado e ardente. Também me parece ser por Ferreira de Araújo, mais do que por qualquer outro dos seus companheiros, que se pode explicar aquele espírito de novidade, ou pelo menos de renovação, que a *Gazeta* representou em seus inícios.

Mas que companheiro honesto, exato, entusiasta, sincero e compreensivo teve ele em Henrique Chaves! E como foi apoiado na força espiritual desse amigo que pôde atuar da maneira como atuou em nossa imprensa!

Henrique Chaves pode, a esse título, reivindicar, ao lado de Ferreira de Araújo, o belo título de reformador da imprensa carioca. Nascido em Lisboa, ele veio para o Rio já homem, e não tardou a se encontrar nas colunas do *Jornal de Commercio*. Foi também redator de jornais ilustrados ou literários, como *O Mosquito*, como *O Besouro*. Mais tarde, fundou a *Gazeta* e ali manteve, durante longos anos, a responsabilidade da coluna parlamentar. Teve ainda outra atividade: a de taquígrafo. Tendo assinado contrato para os serviços de Taquígrafia da Câmara dos Deputados, foi durante longos lustros o verdadeiro revisor de todas as orações que ali se produziam.

Num interessante depoimento que, há dias, dava sobre o seu pai, o sr. Raul Chaves mostrava o formidável trabalhador

que havia em Henrique Chaves. Ele trabalhava sem descanso durante vinte horas por dia. E ainda tinha tempo de ir ao teatro, ainda sabia admirar as belas manifestações de arte!

Tão distantes dele, mal podemos compreender quanto foi intensa e perdurável a sua situação em nossa imprensa.

Olavo Bilac, que o estimou profundamente, que foi um dos seus companheiros de assíduo trabalho, definiu-o como um santo. Depoimento idêntico — o de uma inesgotável bondade, o de um amparo perfeito a todos, o de uma imperturbável gentileza — é o que nos dão todos aqueles que o conheceram, todos os que tiveram o privilégio do seu convívio.

Pena das mais brilhantes nesse jornal de raro brilho, Henrique Chaves é bem merecedor de nossas admirações. Haveria talvez interesse em recolher alguns dos trabalhos menos efêmeros que ele deixou perdidos no tempo, no *Jornal de Commercio*, talvez em outros lugares. Quando a *Gazeta*, é

interessante voltar às suas colunas e ir encontrar, ao lado de Ferreira de Araújo, de Machado de Assis e de outros, Henrique Chaves — o qual em uma seção (*Canheinho*) se esconde com o pseudônimo de Canheinho, e em outra seção (*Balas de Estalo*) com o disfarce de Zig-Zag.

Bem sei que isso nunca será feito. Henrique Chaves foi unicamente jornalista, quis ser unicamente jornalista — quer dizer, foi e fez questão de ser aquilo que é, por sua própria essência, efêmero. Paga, como tantos outros espíritos lustrares, esse imposto que é o grande castigo da profissão — o de passar sem deixar vestígios, a não ser, é claro, uma pálida evocação nas ocasiões de comemorações oficiais, como a que vemos passar agora.

Mas esse caráter de efêmero, esse caráter de irremediável desaparecimento, será mesmo o castigo do jornalista? Não será, ao contrário, a sua mais bela retribuição, o seu coramento, a sua glória?

### Biografia de Henrique Chaves

Transcorreu na quinta-feira, 13 de janeiro último, o centenário do nascimento de Henrique Chaves, vulto dos mais eminentes do nosso jornalismo, um dos fundadores da *Gazeta de Notícias*.

Henrique Chaves — Henrique Samuel de Nogueira Rodrigues Chaves, como era o seu nome — nasceu em Lisboa a 13 de janeiro de 1849, e pertencia a uma família de jornalistas. Aos 18 anos de idade já era autor de peças de teatro e tinha traduzido, entre outros, *"Domise"* e *"O Filho de Coralia"*.

Vindo em 1871 para o Brasil, fundou no mesmo ano, com Rafael Bordalo Pinheiro, o *"Mosquito"*, e logo depois *"O Besouro"*, jornais cujas coleções se tornaram preciosidades.

Não tardou a entrar para o serviço taquígrafico da Câmara dos Deputados, fa-

zendo-se na mesma ocasião redator do *"Jornal do Commercio"*. Passou a fazer sozinho o serviço taquígrafico da Câmara, cabendo-lhe igualmente os trabalhos de redator e revisor de debates. Em 1896 a taquígrafia passou a constituir um serviço da Câmara. Henrique Chaves permaneceu na sua direção. Em 2 de agosto de 1875, tendo como companheiro Manoel Carneiro, Elísio Mendes e Ferreira de Araújo, funda a *"Gazeta de Notícias"*, folha que estava destinada a servir como um luminoso marco de renovação na história do jornalismo brasileiro. Nas colunas da *"Gazeta"* usou ele os pseudônimos de Canheinho (na seção *"Canheinho"*) e Zig-Zag (na seção *"Balas de Estalo"*).

Faleceu: a 24 de maio de 1910.

## UMA CARTA DO SR. RAUL CHAVES

A propósito do artigo acima — que foi publicado no *Jornal de Brasil*, edição de 18 de janeiro último — recebeu o diretor de *Autores e Livros* uma carta do sr. Raul Chaves, a qual, com a devida venia, aqui publicamos.

Rio de Janeiro, 18-1-1949.  
Imo. Sr. Múcio Leão.

Sentindo não ter o prazer de conhecê-lo pessoalmente, como entretanto a liberdade de lhe dirigir a presente para agradecer as referências feitas a meu pai e a Ferreira de Araújo em seu interessante artigo do *Jornal de Brasil* de hoje.

A *Gazeta* foi de fato idealizada por meu pai e fundada por ele, Elísio Mendes e Manuel Carneiro, três portugueses que, entretanto, sem a intervenção de Ferreira de Araújo, que se juntou ao grupo logo a seguir, não poderiam ter feito daquele jornal o que ele realmente foi para o nosso jornalismo.

Ferreira de Araújo já era amigo de meu pai antes de existir a *Gazeta*, tendo concorrido com o seu talento e a sua graça para o sucesso do *Besouro*.

Como V. S. lembrou em seu artigo, é realmente lastimável que a geração atual não tenha a ventura de ler o que escreveu Ferreira de Araújo.

Existem, porém, exparsos por aí, provavelmente em mão de colecionadores, exemplares de um livro editado em fins do século passado pela própria *Gazeta*, com a seleção das *"Balas de Estalo"* assinadas por F. de R., digo, por Luís Senor, pseudônimo com que ele assinava aquelas crônicas — e seria sem dúvida um riquíssimo presente para as nossas letras, se os seus descendentes consentissem em uma nova edição daquelas obras primas, verdadeiras jóias da nossa literatura, rivalizando vantajosamente com

a graça, o espírito e a "verve" de tudo quanto se tem escrito em qualquer língua.

Meu pai, além de um "bom", foi profissionalmente apenas um jornalista, consciente das suas responsabilidades; Ferreira de Araújo, além de jornalista brilhante, foi um de nossos maiores escritores, merecendo portanto ser divulgado para que os de hoje e os que amanhã vierem, saibam o que ele foi.

Sem a solidariedade fraternal e incondicional de F. de Araújo, sem a sua independência indomável, sem o seu caráter incorruptível, o seu brilhante talento e o seu patriotismo, meu pai não poderia de forma alguma ter prestado ao jornalismo os incontestáveis serviços que realmente prestou. Teria sido apenas — "um bom".

Assim, em nome de minha família, em meu próprio nome, agradecendo as homenagens prestadas à memória de meu

pai, quero principalmente agradecer a V. S., a justiça que fez em seu artigo à memória da figura inconfundível do nosso inolvidável amigo Ferreira de Araújo.

E não quero terminar estas linhas de gratidão sem pedir-lhe que, com a autoridade do seu nome e o prestígio do *Jornal de Brasil*, faça aquilo que a minha indocência não me permite fazer: uma campanha entre as classes intelectuais, para que Ferreira de Araújo não continue esquecido no mutismo da sua erma nos bosques do Passeio Público, ignorado pelas gerações futuras.

Tenha esta iniciativa e creio que prestará um inestimável serviço às letras nacionais.

Releve-me a extensão destas linhas, e creia também na profunda gratidão deste sincero admirador.

(Ass.) Raul Chaves".

## Prática 1.ª - DOS ESPINHOS - Eusebio de Matos

(Continuação da pág. 26)

meios de nossa falaução, como offendido nesta parte: *arguet mundum de peccato; ha de acurafios*, perante o Tribunal ditado, do: *he haueis refittido, & mal lorrado tantos auxilios*. Ora dai cóta a Deus de tantos auxilios, quantos mal lorrastes: a aduerfencia que vos fez o Prigador, o confelho que vos deu o amigo, a admoestação que vos fez o Confessor, puerfuerueta que foz scafos, & foz auxilios de Deos: effaz determinado a fover hum effensa contra Deos, fentis hums dictames da razão, que batalha contra vos mesmos: effaz na occasião do peccado, fentis em vossa alma hums certos reclamos da conciencia, que he o que fago; como vivo, em que me occupo? valham Deos que hei de morrer, que hei dar conta a Deos: pois que determino, tudo isto paffa em hum pccador, & que vos parece que he tudo isto, foz golpes daquelles espinhos, foz illuminações daquelles raios, foz auxilios de Deos, foz infpirações do Efpirito Sancto: Ora dai conta a Deos de ter refittido a tantos golpes, a tantas illuminações, a tantos auxilios, a tantas infpirações: Deos não vos faltou com os auxilios necessários á voffa falaução: vos não admitistis feus auxilios: qual he de fer a confequencia.

Pois a effa cauza vos aduirtio, que fe bem naquelles espinhos

tendes muito que effepar, tam-bem tendes muito que temer, porque fe agora effaz armados em voffa defenza, tãdem deffez agora effaz armados contra nos, porque os diutnos auxilios, de tal modo foz fauores, que já trazem de cultura os castigos. Pedio Job a feus amigos que fe laftimaffem delle: *Miferemini mei, miferemini mei, jaltem vos amici mei*; mas que cauza tinha Job para que fe laftimaffem delle feus amigos? *quia manus Domini tetigit me*: porque fentia em fi toques de Deos, & toques de Deos não foz fauores de Deos: pois porque fe ha de laftimar os amigos de Job, quando recebe toque de Deos, porque os toques de Deos de tal maneira foz fauores, que já vem ameaçando castigos: fe he obdeceffes não ha maior ventura, mas fe he refittistes nam ha maior defgraça. Quando o Efpirito Sancto defcefo fobre os Apofteolos, apparece em linguas de fogo: em linguas de fogo? aquellas linguas não eram deos do Efpirito Sancto, não eram infpirações diutnas? fim erão: pois porque de fogo, porque o fogo he o vltimo castigo que ha de padecer o mundo, & quando o Efpirito Sancto communica ao mundo feus diutnos infpirações, já he vem ameaçando o vltimo castigo: pois á lerta fiéis, nos golpes daquelles espinhos: tãdem as diutnas infpirações, affaz que aduerti,

que de tal maneira nos effam infimulando as almas, de tal maneira nos effam amorfando ferindo, que já feveramente nos effaz ameaçando, de tal maneira aquellos diutnos raios effam infundindo illuminações, que já effaz ameaçando, incendeios, porque fe não obdeceffes ao imperio daquella Coroa, já effaz os espinhos daquella cabeça gúmla arrojando o fogo do vltimo juizo: affaz o differão algum hora os mofmos espinhos. Pingio Iofam, que elegendo as armoes a hum espinheiro por fei Rey, elle lhes propuzera effa pratica: *Si vere me Regem confituetis: venite, & fub umbra mea requiefcite: Igitur non vultis, egredietur Cedros Libani*. Ito que differão ás armoes os espinhos, quando rigiravão Cedros, nos effaz dizendo aquella Coroa de espinhos, & deffoz da metaphora deffes espinhos, firo mefmo nos effaz dizendo as infpirações de Deos: *Si vere me Regem confituetis: fe reconhecereis nos espinhos em feus imperios, fe obdeceffes á Coroa de espinhos: Venite, & fub umbra mea requiefcite*: Elles vos feruirão de amparo: porfim fe he refittistes, fe he não derdes affento: *Si autem non vultis, do mefmos espinhos brotará fogo, que abrange, & confuma até os mais altos Cedros do monte Libano: Egredietur ignis de ramo, & deuoret Cedros Libani*.

Pello que Catholico audietorio, para effuzarmos effe castigo, que aquellos espinhos nos effam ameaçando, obdeceffamos aos imperios daquella Coroa de espinhos. Effaz aquellos espinhos puxando por nós, para que cheguemos a colher aquellas rozas, para que nos aprouetemos daquelle fangue, para que que buquemos a Chrifto, & porque não obdeceffemos aos imperios daquella Coroa? Se a gúmla confa no lo pudera impedir, feria o temor do castigo: porfim temos hoje a Chrifto tam amorofo, que não ha cauza de temor, o dia em que Chrifto effa mata amorofo, he o dia em que fe depofa com noffas almas, o dia em que fe coroa de espinhos, he o dia em que fe depofa: *Coronant eum mater fua in die depofitionis eius*: Logo hoje he o dia em que effaz mais amorofo porque hoje he o dia em que fe coroa de espinhos: pois fe hoje nam temos que temer: cheguemos almas Chriftas: *Egredimini filii Sion, ponde os olhos naquella Senhor affaz coroado de espinhos: Videte Regem vestrum in diademate*: Oh meu Iefus da minha alma: Oh meu amáttimo Iefus, que ferido, que laftimado que effaz meu Deos, & meu Senhor? mas o como effaz amorofo! Oh que bem fe manifesta o fino de voffo amor, na agudeza deffes espinhos, oh que amorfamente nos diem effes espinhos para que colha-

mos effas rozas! Oh cabeça facrofanta, algúna hora coroad de Eftrelas, & agora laftimada de espinhos, que vio já mais os espinhos armados contra as rozas: mas vede fiis vede aquella mar de fangue, que fe derramou por noffas culpas: aly van a defembocar fentente, & dous rios de fangue, que defceem daquella cabeça! Oh fe noffas culpas padecerão o vltimo naufragio na inundação daquelles rios: ah meu Deos, & quem duvida que hauleis de fahir tam enfanguentado depois de tratar o espinhos nos effaz nefe mar de fangue nos effaz prometiendo os espinhos hã mar de rozas: que para darnos effas rozas, padecerdes vos Senhor effes espinhos: Oh como foz amorofo meu Deos, & que hujá quem tenha coraço para cometer culpas contra hum Deos tam amorofo! O não fize affim fiéis, tratemos de emendar as vidas, hum propofito firme de nunca mais offendere aquelle Senhor, pedireis perdão de noffas culpas, & como tam amorofo nam negará o perdão. Mas moftrois nos Senhor voffa face diutna para perdoar noffas culpas: perdoaynos Senhor por quem vos fozis, perdão meu Deos de minha alma, mifericórdia Senhor, para que affim alcancemos voffa graça, que he o pccador da Gloria. Amen.

# A VIDA DOS LIVROS

Alves, Castro — *Espumas Flutuantes* — Prefácio de Agripino Grieco — Instituto Nacional do Livro — Biblioteca Popular Brasileira, XXII — Rio, 1947, 225 págs.

Cremos que é de todo impossível restabelecer a bibliografia exata das *Espumas Flutuantes*, de Castro Alves. Em sua edição das *Poesias Completas* de Castro Alves (1921) Afrânio Peixoto logrou identificar 23 edições diferentes. Erguendo a bibliografia de Castro Alves em AUTORES E LIVROS (vol. 3.º, n.º 8 — Março de 1942), conseguimos identificar 28 edições autônomas; sem falar de uma edição de *Espumas Flutuantes* com *Hinos do Equador* (1938); e sem falar também das edições dadas nas *Obras Completas* do poeta. O assunto é, entretanto, dos mais sugestivos entre quantos existem em nossa bibliografia, e estava longe de perder seu tempo o pesquisador que quisesse prestar essa homenagem de admiração e de carinho ao nosso grande poeta romântico.

No prefácio que escreveu para a edição do Instituto do Livro, Agripino Grieco se declara ébrio de Castro Alves. E cita vários fatos que demonstram a extrema popularidade do autor de *O Hospedeiro*. Pelo nosso lado, poderíamos aduzir outros depoimentos em favor da tese de ser Castro Alves o mais popular dos poetas brasileiros. Por exemplo: algumas de suas poesias musicadas foram transformadas em modinhas, e são cantadas em terras pernambucanas como se pertencessem ao folclore. Lembramo-nos de ter ouvido, em séries familiares do Recife ou de engenhos do interior de Pernambuco, deliciosas vozes de moças que entoavam, acompanhadas pelo violão, as estrofes de *Silvia* (que é um trecho de *Uma página da Escola Redibita*), *O Lago de Fita*, *Boa-Nóite*, *Quanto ao Gondoleiro do Amor*, ouvindo-o muitas vezes cantado como um doce lullaby, para adormecer crianças...

Expressivo é, nesse sentido, o depoimento dado por Tobias Barreto, o rival de Castro Alves. Contava ele que em um noturno religioso (provavelmente em Pernambuco), ouviu cantar os versos da *Hebréia* de Castro Alves ("que se sabe foram escritos para uma bela descendente de Israel, mas não de certo a Mãe de Deus"), como se fosse um hino religioso. Cantava o Mestre da Capela: *Pomba de esperança sobre um mar de escuridão*.

E o coro respondia:  
— Ora pro nobis!  
Dizia o Mestre:  
— *Lirio do vale oriental brilhante*.

E o coro respondia:  
— Ora pro nobis!  
De novo cantava o Mestre:  
— *Estrela vespér do pastor errante*...

De novo o coro bradava:  
— Ora pro nobis!  
Ainda uma vez estrugiu a voz do Mestre:

— *Ramo de murta a rescender chetrosa*...

E o coro sempre:  
— Ora pro nobis!

Tobias relatava esse fato, e censurava acerbamente a falta de imaginação poética e religiosa do povo brasileiro, que nunca soube compor hinos sacros. Igual censura, mais grave ainda talvez, é a que nos fez, certo dia, em um dos seus eloquentí-

simos discursos do Senado, o velho Barbosa Lima: o de sermos um povo que não possui uma canção! Parece que realmente, no sentido em que falavam, tinham razão Tobias Barreto e Barbosa Lima: possuímos no Brasil algumas belas canções carnavalescas (*Ten o cabelo não nega*, *Pé de Anjo*, etc.) mas canção religiosa, canção patriótica — espelhos de nossos sentimentos de amor a Deus ou à Pátria — não!

A edição do Instituto do Livro traz algumas notas, com as quais, infelizmente, nem sempre estamos de acordo. Mostremos um exemplo: na página 64, ocorre esta estrofe:

Bebe, enquanto inda é tempo!

Uma outra rapa,

Quando tu e os teus fordes nos

[fossos,

Pode do abraço te livrar da

[terra,

E ébria folgando profanar teus

[fossos.

A propósito da palavra *forde*, do segundo verso da estrofe, diz o anotador: "Assim traz a 1.ª edição, a despeito do evidente erro de concordância." Ai divergimos do anotador. O que Castro Alves quer dizer, transportando para prosa, é o seguinte: "Quando tu e os teus estiverdes (fordes) enterrados nos fossos, uma outra rapa pode arrancar-te da terra, e, ébria, folgando, profanar teus ossos." Há algum erro aí?

Também podem estar erradas certas prosódias de Castro Alves — *Eólo*, *Niagara*, etc.; mas é em vão que o anotador as condena. Já o uso, — pelo menos no Brasil — as consagrou e elas hoje é que são corretas. Estão no caso de *pá-lano*, de *nível*, de *miopie*, que certos defensores da língua determinam sejam pronunciadas como *pan-tão*, como *ní-vél*, como *miopie*, sem que ninguém lhes ouça as reclamações...

Soares, José Carlos de Macedo — *O Espírito do Itamarati*. Discurso pronunciado na sessão solene em homenagem ao Embaixador João Neves da Fontoura na sede do P.E.N. Clube do Brasil, Ministério das Relações Exteriores. Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1948, 12 páginas.

— Santo Antônio, autor da *Imitação de Cristo*. Oração pronunciada pelo sr. ... como parâmetro das diplomatas da Escola Normal e do Curso de Secretariado, do Externato São José, de São Paulo, aos 11 de dezembro de 1947. Tip. Maria Auxilium, São Paulo, 1948, s.n. págs.

São dois trabalhos de índole inteiramente diferente. O primeiro é o discurso pronunciado no P.E.N. Clube do Brasil, em uma solene sessão, realizada em homenagem ao nosso presado companheiro João Neves da Fontoura; o segundo é a oração de parâmetro, pronunciada na Sessão em que colaram grau as diplomatas da Escola Normal e do Curso de Secretariado do Externato São José de São Paulo. No *Esprito do Itamarati*, relata Macedo Soares um episódio muito interessante de sua atuação em Buenos Aires, por ocasião dos preparativos para a paz no conflito Bolívia-Paraguai.

Na madrugada de 12 de ju-

nho de 1935, reunidos na Casa Rosada com os mediadores do grupo das nações vizinhas dos seus países, deliberaram os Ministros das Relações Exteriores dos dois países em guerra consentir na cessação das hostilidades. Ficou então estabelecido que os diplomatas regressassem aos seus hotéis, e convocada outra reunião para as 11 horas. Assim se fez.

Ao chegar ao palácio da Senhora de Olmos, onde estava hospedado, o sr. Macedo Soares reuniu os seus auxiliares, todos funcionários do Itamarati, e lhes comunicou o que acabava de ocorrer. Foi então que o sr. Acyr Paes, atualmente embaixador no Canadá, lembrou que sem as instruções especiais, que o caso exigia, os militares nada poderiam fazer. Aceita a sua observação, ficou Acyr Paes encarregado de redigir tais instruções. Trabalhou ele das 4 horas às 8 da manhã. E às 10 horas eram entregues ao ministro do Exterior do Brasil as cópias necessárias ao importantíssimo assunto.

Uma hora depois, reunidos de novo os diplomatas, o general argentino, que ia ter o encargo das negociações da paz, reclamava as instruções diplomáticas-militares, pelas quais deveria nortear sua ação. O Ministro Saavedra Lamas respondeu-lhe que não dispunha senão das cópias do Protocolo; o que (diz Macedo Soares) determinou "resposta incisiva do chefe militar argentino, de que, nestas condições, ele e os demais representantes dos exércitos dos países mediadores não poderiam partir." Foi então que o Brasil fez entrega do trabalho que acabara de redigir um dos componentes de sua delegação. E foi esse o documento, em tão boa hora preparado pelo Brasil, que salvou uma situação difícil, e permitiu que as negociações da paz não tivessem algumas horas (sabe Deus se não seriam dias!) de interrupção. Narrando o fato, relata Macedo Soares: "O Embaixador Martinez Thedy, representante do Uruguai, tomado de entusiasmo, gritou da extremidade da mesa de trabalho: 'Como conseguiu o delegado do Brasil, em tão poucas e tão adiantadas horas, redigir as instruções que nos permitiram um ato de benevolência: salvar vidas ameaçadas já em plena paz?'" "E assim que o Itamarati trabalhava" — respondeu o delegado do Brasil, sob calorosas palmas dos delegados dos países mediadores.

O outro trabalho refere-se a um problema que há de ser eterno, em todos os espíritos estudiosos ou religiosos: o da autoria da *Imitação de Cristo*.

Esse incomparável livro — que tem tido tantos títulos, cheios de poesia e de encanto cada um deles, como *Livro da Eterna Consolação*, *Livro da Vida*, *Consolações interiores* — é, como a *Íliada*, como a *Odisseia*, como certos livros da Bíblia, um livro sem autor. Três hipóteses de autoria lhe têm sido propostas com maior insistência: a de Tomas de Kempis; que parece ser a que reúne maior número de adeptos; a de Giovanni Gersen, a de Jean de Gerson; estas, além de mais de cinquenta outros...

Quanto à autoria de Gersen, parece, por vários motivos, fora de cogitação. Sem falar na diferença essencial que se observa entre todos os trabalhos por ele publicados, que são trabalhos inspirados pelo gosto da ação e não da contemplação, há contra ele esta circunstância: o seu próprio irmão lhe ergueu a lista bibliográfica, e nela não figura nenhum título que corresponda a esse livro. A hipótese de Giovanni Gersen,

que foi abade do Mosteiro de Santo Estêvão, em Versell, no Piemonte Italiano, tem maiores visos de ser a verdadeira, e encontraria possibilidade na defesa até mesmo na natureza do espírito e da poesia da *Imitação*. O autor seria, assim, um compatriota, e talvez um contemporâneo, de S. Francisco de Assis, o que seria natural e lógico, pois nunca dois espíritos existiram tão aproximados, como o do autor do grande livro e o do Foverello de Assis.

A hipótese de autoria de Tomas de Kempis é a que tem prevalecido no Brasil. Está nessa corrente os tradutores do livro, como Frei Tomas Borgmeier, o Padre Cabral, o Padre Leonel Franca. Tomas de Kempis nasceu na aldeia de Kempis, na Alemanha, perto de 1380, e foi monge dos Agostinhos do Monte de Santa Inês, na Holanda. Era ali sub-prior. Levava uma vida tão austera que Deus lhe concedeu fazer milagres. Morreu a 25 de agosto de 1471, e mereceu da Igreja o título de Bemaventurado. Era um espírito singularmente modesto, doce e recolhido. Foi ele quem encontrou para os séculos a fórmula que tanto sorri a todos os contemplativos de todos os países: *in angelo cum libello* (num pequeno canto, com um pequeno livro...). Sabe-se que Kempis compôs uma série de opúsculos ascéticos, a frente dos quais colocou como tratados distintos os quatro livros da qual a obra que mais tarde iria ter o título de *Imitação de Cristo*. Seus opúsculos obtiveram grande voga nos Países Baixos e em toda a região do Reno. E assim serviram de veículo de divulgação precioso para a *Imitação*. E esse o seu grande título a autor do mais belo e alto dos livros ainda escritos por um homem. Reunui — que se inclina antes para a hipótese de Gersen — diz, referindo-se a Kempis: "Em certo sentido, o piedoso Kempis tem portanto direitos verdadeiros sobre a *Imitação*. Ele não a compôs, mas a compreendeu, e podemos dizer que sem ele essa produção tão característica do misticismo cristão ter-se-ia perdido, ou ficado ignorada." (*Estudos de História Religiosa*, pág. 323).

A essa controvertida questão, traz o sr. Macedo Soares uma outra hipótese: a da autoria de Santo Antônio de Lisboa, ou de Santo Antônio de Pádua. Cremos que é uma tese portuguesa, e que amente por portugueses (ou brasileiros, que tanto faz), tem sido defendida. O sr. Macedo Soares mostra-nos alguns dos corifeus da tese antoniana: o professor Ferreira Deandado, autor do livro *Educação Portuguesa*; o Cardeal Patriarca de Lisboa; o profes-

sor Ataliba Nogueira (deletrado).

Para a defesa de sua tese, estabelece Macedo Soares as postulações seguintes:

1.º) A *Imitação de Cristo* foi escrita por alguém de grande saber e de imensa humildade.

2.º) O autor foi um frade.

3.º) Seu objetivo deveria ter sido escrever um Livro da Vida para os seus irmãos religiosos.

4.º) A linguagem latina, nem-mada de neologismos, indica erudito conhecedor das línguas neo-latinas, então em formação.

5.º) A doutrina da *Imitação de Cristo* está impregnada pela piedosa fragância sacral.

E vai, então, examinando um a um esses pontos, e mostrando como cada um deles corresponde perfeitamente à figura e ao espírito de Santo Antônio, o mais suave e o mais poético sem dúvida dos santos portugueses.

E enfim o do sr. Macedo Soares um trabalho de incontestável interesse, no terreno dos estudos históricos, literários e religiosos — um trabalho que só poderia ser feito pelo estudioso que com tanto carinho e tantos recursos de erudição trouxe um vasto livro todo o maravilhoso panorama da vida e da obra de Santo Antônio.

Devemos confessar, talvez por um certo espírito de pirronismo, que as razões de tão capaz advogado não nos convenceram. Embora estimássemos profundamente que a *Imitação* fosse da autoria de Santo Antônio, circunstância que traria o livro para mais perto de nossa coração e de nossa sensibilidade, cremos que o problema continua de pé, como estava até agora. E ainda não vai ser do santo português o maravilhoso milagre de arrebatar para si a glória da autoria desse livro sem igual, claria que hoje aureola a fronte de Tomas de Kempis ou a de Giovanni Gersen...

Flaubert, Gustave — *Educação Sentimental*. Tradução de Mirinha de Lacerda Soares — Edições Melhoramentos. São Paulo, 1948, 338 págs.

A *Educação Sentimental* é o terceiro romance de Flaubert. Publicado em 1880, vinha depois de *Madame Bovary* (1857) e de *Salambo* (1862). E foi um fracasso completo diante da crítica da época... Thibaudet acrescenta que ainda hoje a crítica universitária não aceita com grande entusiasmo o ex-

## AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mucio Carneiro Leão

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro ..... Cr\$ 60,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 55 — 2.º andar. Fone: 42-3825.

Impresso nas oficinas da Editora Mory Ltda.

Assinaturas e números atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 33-1931. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farias.

NUMEROS ATRASADOS: — Volume IX em diante — nos dois últimos pontos acima e na redação. Volumes anteriores (primeira fase) — somente na redação.

## "SÃO PAULO" COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 18.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker

Dr. Erasmo Teixeira de Assunção

Dr. J. C. de Macedo Soares



# A VIDA DOS LIVROS

traordinário romance, e nele vê antes o erro de Flaubert, o paradoxo do realismo, o quadro de vidas que falharam num livro que também falhou...

Mas isso será opinião de críticos. A verdade para os leitores de Flaubert é que a *Educação Sentimental* tem um lugar seu, um lugar inconfundível, um lugar provavelmente mais alto do que o de *Madame Bovary*. Talvez seja uma questão que corresponda, a fases da vida dos leitores. Quando mais moços, embriagados pela musicalidade do estilo do primeiro Flaubert, preferimos a arte requintada que ele realizou em *Madame Bovary*, ou mesmo em *Salambô*. Mais tarde, já preocupados com estilos mais duros e mais íntimos, querendo antes a melodia que a harmonia, vamos lendo com mais agrado a *Educação Sentimental* ou os *Três Contos*.

Nesse livro, o grande analista de almas e de sociedades se revela, ainda mais do que em *Madame Bovary*. Deu-lhe ele, além de sua capacidade natural de observador, a contribuição de suas experiências pessoais. Frederico Moreau é Flaubert, com as suas inquietações e as suas vacilações, com o seu amor. O grupo em que Frederico vive é o grupo em que Flaubert viveu, e Maxime du Camp, um dos amigos mais chegados ao romancista, dizia que todos os personagens da *Educação* tinham existido.

E com que finura, e com que exatidão de anatomista, desenha ele os seres complexos e amargos que compõem essa geração de fracassados! E como é aqui irmã da arte de Balzac a sua arte exímia e sutil, e como dela se afastam os modeladores de uma observação de laboratório, à la Zola, ou os cultivadores de um romancesinho bem comportado, em que o leitor dá a mão e sorri ao autor, como é o caso de um Feuillet, ou mesmo de uma George Sand!

O velho Flaubert é de fato doloroso e trágico. Mas com que linhas sábias, exatas e elevadas sabe ele exprimir sua dor e sua tragédia! E quando se trata de traçar um desenho de mulher—como no caso de Mme. Arnoux—quem será mais poeta do que ele?

Aparecendo às vésperas de um ano catastrófico da vida da França, a *Educação Sentimental* mostrava os erros profundos e sem remédio que lavravam naquela época no espírito do grande povo francês. As tristes palavras do romancista não foram ouvidas — nem o poderiam ser, nem haveria

tempo de o serem... Logo depois veio a invasão alemã, a irremediável vergonha da derrota. Flaubert ficou sendo, assim, com esse livro, uma espécie de profeta melancólico, a Cassandra da França na sua hora mais nefasta e dolorosa.

Não é essa, porém, a da fraqueza ou sequer a da vacilação, a postura em que vemos o velho Flaubert, em seu país e diante dos séculos. A posição dele é antes a de um herói da ação, a de um campeão sem descanso na defesa de suas idéias, de sua arte, e, pois, de sua gente e de sua pátria.

## LIVROS RECEBIDOS

- Oliveira, Martins (da Academia Mineira de Letras) — *Estegias simbólicas para Alphonsus de Guimaraens*. — 1948. Gráfica Cidade de Viçosa. Minas Gerais, 48 págs.
- Silva, J. Norberto de Souza e — *História da Conspiração Mineira* — Prefácio de Osvaldo Melo Braga — Tomo I — Ministério da Educação e Saúde — Instituto Nacional do Livro. Biblioteca Popular Brasileira, XXVI — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1948 — 295 págs.
- Vasconcelos, Diogo de — *História Antiga das Minas Gerais*. Introdução de Basílio de Magalhães (1.º volume) — Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro. Biblioteca Popular Brasileira, XXIV — Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1948 — XXIV-361 páginas.
- *História Antiga das Minas Gerais* (1703-1720) — 2.º volume — Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro. Biblioteca Popular Brasileira — XXV — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1948, 425 págs.
- Alves, Castro — *Espumas Flutuantes* — Prefácio de Agripino Grieco — Ministério da Educação e Saúde — Instituto Nacional do Livro — Biblioteca Popular Brasileira — XXII — Rio de Janeiro, 1947 — 235 págs.
- Brito, Chermont de — *A Primeira Mulher* — (Contos) — Irmãos Pongetti Editores — Rio, 1948, 174 págs.

O IPÊ — INSTITUTO PROGRESSO EDITORIAL, — realizou o programa que se propunha levar a efeito durante o ano de 1948, anuncia para o ano de 1949 um plano de atividades editoriais do mais alto valor literário, científico e cultural. Para tanto conta agora com suas novas instalações gráficas que, inauguradas no segundo semestre de 1948, contribuirão para dar uma maior perfeição formal às obras programadas para os próximos doze meses.

O IPÊ que iniciou seu ciclo em meados de 1947 já se perfilhou ao lado das maiores casas editoras nacionais e conta no correr do próximo ano elevar a um nível ainda superior sua produção sempre dentro do critério traçado pelas suas "Coleções".

A "Coleção Minerva" apresentará em sua Série Histórica: "História da Idade Média", de Gioacchino Volpe, "História dos EE. UU.", de Charles Beard e Mary Beard, "História da revolução soviética", de W. H. Chamberlin, e mais uma obra fundamental de Benedetto Croce, "História da

Europa no século XIX". Na Série História Literária que já nos deu a história das literaturas italiana, russa e norte-americana, aparecerão: "História da Literatura Francesa" de Bédier e Hazard e "História da Literatura Alemã", de Vittorio Amoréto.

A "Coleção Oceano" que apresenta o que de melhor se produz na novelística contemporânea, lançará: "A Dinastia da Morte", de Taylor Caldwell, "A idade da razão", de Jean Paul Sartre, "Ventos de terras distantes", de Paul Wellman, "A Romana", de Alberto Moravia, "O Morro dos cinco dedos", de E. M. Forster, "Cristo em concreto", de Pietro Di Donato, "A noite e a cidade", de Gerald Kersh, "O ouro e a cruz", de Mario Ghisalbetti, "Os bons companheiros", de J. B. Priestley, "Suor e sangue na Flórida", de M. K. Rawlings, "Corpos e Almas", de Maxence Van Der Meersch, "Peonia", de Pearl S. Buck, "A excluída", de Pirandello, "Adrienne Mesurat", de Julien Green, "A Mão da Verônica", de Fannie Hurst, "A Mãe", de Grazia Deledda, "Lydia Bayley", de Kenneth Roberts,

"Formigas humanas", de Romain Gary.

A "Coleção Iguaçu" que seleciona a melhor produção de nossos jovens romancistas, lançará logo em janeiro um novo romance de José Mauro de Vasconcelos, "Longe da Terra".

A "Coleção Romântica", incluirá: "Mentiras", de Paul Bourget, "Novas Histórias de Mouchette", de Georges Bernanos, e três obras de Georges Simenon: "Os sobreviventes do Telemaco", "O homem que olhava passar os trens" e "O Senhor Camandongo".

A "Coleção Pantheon Brasileiro": — galeria dos grandes vultos da nacionalidade, será inaugurada com "Ruy Barbosa", de Mario de Lima Barbosa, seguindo-se "Joaquim Nabuco", de Celso Vieira, "Gongalves Dias", de Manuel Bandeira, "Santos Dumont", de Raul de Polillo, e "Taman-daré", de Gustavo Barroso.

A "Coleção Pantheon Universal", que reúne biografias de grandes figuras da história — apresentará "Tálcito", de Conetto Marchesi e "Richelieu", de Karl Burckart.

Como lançamento de destaque (Continua na pág. 33)

## Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada

Telegrama: COPER — Caixa Postal: 457  
Única recebedora e distribuidora do açúcar de produção das usinas do Estado pelos centros de consumo do país e do exterior  
ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS  
RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito ..... Cr\$ 4.966.100,00  
" integralizado ..... Cr\$ 4.877.200,00  
Fundo de Reserva ..... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL  
Escritório na Rio de Janeiro: Rua da Candelária, 5. s.º 301.  
Em São Paulo: — Rua Álvares Penteado N.º 180 s.º 509

O ano passado registrou a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de 8 milhões de sacas de açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

A nova Diretoria da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim constituída:

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Indício Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leôncio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enock Maranhão.



**LIVROS IPÊ**  
EDITIONS DE QUALIDADE

procurem  
NAS LIVRARIAS  
OS GRANDES  
ÊXITOS  
DO "IPÊ"

**2**  
ROMANCES  
EMPOLGANTES  
de  
Lidia Besouchet  
"CONDIÇÃO DE MULHER"

Uma arrojada sondagem no labirinto da alma feminina, num romance corajoso escrito por uma mulher corajosa. O maior êxito editorial argentino do ano passado. — Cr\$ 30,00

**"O MESTIÇO"**

História de um mestiço carregando o pesado lastro de dois sangues no drama poderoso de uma raça cruzada que luta para encontrar sua verdadeira condição. — Cr\$ 45,00

2 — GRANDES ÊXITOS — 2

**AMBIÇÕES  
DESEMPREADAS**  
no  
romance sensacional  
de  
Taylor Caldwell

**"A DINASTIA DA MORTE"**

Uma grandiosa cavalcada através dos tempos que nos faz lembrar como arquitetura geral e amplitude de cenários, o famoso "...E o vento levou". Impressionante história de uma gigantesca corporação industrial e seus tremendos reflexos na psicologia humana.

**DINHEIRO E AMOR**

num conflito palpitante de emoções.

Cr\$ 75,00

Pelo Reembolso Postal  
IPÊ - Cx. Postal, 5521  
São Paulo

Nome .....

Título .....

Endereço .....

Cidade .....

**INSTITUTO  
PROGRESSO  
EDITORIAL S.A.**

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA

## Segunda Série — Antologia da Prosa — XVII — LEO VAZ



Leo Vaz

### Notícia sobre Leo Vaz

É o nome literário de Leonel Vaz de Barros. — Nasceu em Capivari, São Paulo, a 6 de junho de 1890 e é filho de Joaquim Fernando Pae de Barros e d. Filomena Vaz de Melo Barros.

Estudou em Piracicaba, tendo como um dos seus colegas Sud Mennucci. Começou a escrever em jornalinhos do interior e depois, a convite de Lourenço Filho e Simões Pinto, fez-se colaborador do "Comércio de São Paulo". Depois passou para o "Estado de São Paulo", folha de que foi secretário e onde ainda hoje trabalha. Foi professor público em cidades do interior paulista.

Pertence à Academia Paulista de Letras (cadeira n.º

14). Em 1935, a convite de organizações industriais da Alemanha, fez uma viagem a aquele país, juntamente com um grupo de jornalistas cariocas, argentinos, chilenos e uruguaios. Ia como representante do "Estado de São Paulo", e fez a viagem de ida e volta no Graf Zeppelin. Visitou, nessa ocasião, além da Alemanha, a França, a Bélgica, a Áustria, a Hungria, a Tchecoslováquia e a Suíça.

Escreveu:

— O Professor Jeremias — Romance — Ed. Revista do Brasil — S. Paulo, 1929.

Em 1940 estava na sétima edição.

— Ritinha.

### ARARUCA'

(Capítulos de romance)

LEO VAZ

Ora aí têm: não tenho mais o que fazer. Preso a esta vila que (vide ERRATA) é chamada Ararucá e fica (vide a quebreira depois da viagem em lombos de mulas ásperas) a sete montanhosas léguas do ponto final da via férrea, nada me resta a fazer, dadas as aulas que manda dar o Regulamento das Escolas Isoladas e fechadas a farmácia onde se conversa à tarde, senão esperar que o dia seguinte me traga de novo as aulas e a farmácia subsequente.

Pode haver quem duvide da afirmação ou me acuse de madraçaria. Mas eu posso assegurar que esse nunca saiu das ruas asfaltadas. Ou, se sim, nunca veio até Ararucá.

Ararucá é o vilarejo criado pela Providência afim de que eu tivesse um campo onde exercesse a minha missa, quando a ela lhe desse na telha criar-me a mim mesmo. Escosta-se à rampa de um pequeno morro oblongo e molha os últimos quintais na água barrenta de um ribeiro seu homônimo, que rumoreja ao pé da vila e se detém, antes e depois de rumorejar, em sucessivos ajudes de moinhos de fubá.

Estes são as fazendas. Nas acrobacias da cotação do café, Ararucá viu de um dia para outro desbravarem-se as capoeiras adjacentes, na faina do plantio fascinador. Mas o café, como as crianças, só com alguns anos de idade se torna interes-

sante. Ora, a meio do furor, vai o pelotiqueiro e desmarrumba a 25000, fazendo com que os derrubadores abandonassem as colvaras e ambleões, deixando Ararucá a pão seco com os cereais plebeus, com os quais vai tentando a vida à espera de que outra reviravolta da economia cafelista de novo incline os capitais esquivos.

Enquanto a reviravolta não vem, vai vegetando. A estrada de ferro, que da vizinha cidade de S. Antonio do Itaipu, ao farejar os freios próximos, abre uma picada promissora, encolheu os trilhos ao sentir incerto o futuro. As fazendas ficaram, por isso, em grandes milhares paliativos, com que os proprietários retêm os agregados, que ameiavam dos produtos e olham pelas terras. E' enfim, Ararucá, o que em S. Paulo se chama um lugar de muito futuro.

Tem trezentas casas e um pardieiro. Tem também uma igreja matriz, em incúrdia reconstrução, mais um cubo de alvenaria branca, com grades nas janelas, haste de bandeira sobre a porta do meio, e que a hipérbole de algum rábula denominou — o Forum, alvenga que foi logo encampada pela população. No Forum se hospedam adventícios ladrões de cavalos e, de três em três meses, os jurados que os condenam. De vez em quando algumas barracas de ciganos à saída de Itaipu, vêm, por algumas semanas, aumentar o

número dos fogos. Mas isso é raro.

Enquanto a mim, destinava-se-me o pardieiro, por moradia. Mas eu fugi a essa honra e moro alhures.

Este pardieiro são os restos de uma grande casa onde residiram os autochthones de Ararucá, uma Fulano Garcias, que para cá vieram cumprir a prescrição de um crime de Campinas. Prescrito, cá ficaram até que lhes prescrevesse também a vida. Doaram então ao patrimônio da freguesia nascente parte dos seus bens e entre esses a casa que haviam levantado para seu couro. Hoje a Câmara Municipal, senhora do imóvel, oferece-o de engodo aos professores que o governo destaca para aqui.

Oferece-o para residência e sala de aulas; mas eu desisti da primeira parte do presente, pois, além das almas dos Garcias, que ainda teinam em frequentar a casa, mesmo depois de terem eles aberto mão dela, reina ali uma humidade que não compadecia com os meus reumatismos. Eu sou um rapaz bem comportado e por isso me alberguei em casa competente.

Povôam este Ararucá que al fica pintado, um chefe político, meia dúzia de vereadores, um juiz de direito, que pontifica no Forum, secolitado pelo promotor público, delegado de carreira, escrivão e mais funcionários: um fiscal dos feitos municipais, um farmacêutico, duas lojas com os respectivos sirios, um sapateiro, um aligibebe, um barbeiro, um ferrador, um reverendo evadido ao positivismo lusitano, uma banda de música, cujo mestre, além de se incumbir do pistão, desempenha as funções de secretário da Câmara e da irmandade de S. Benedito, um cambista das loterias, um do bicho, um coletor das rendas do Estado, mais o seu escrivo, e, como vem nos programas de teatro, para as personagens de pequeno vulto: — soldados — caipiras — cirados — povo.

Há ainda uma família viúva, que dá pensão a rapazes bem comportados. E tal é a escassez de gente esta, que para validade minha, o único a desfrutar essa consideração especial sou eu.

Eu moro na casa da viúva Marcondes, d. Angelina Marcondes, a quem há muito lhe morreu o marido, capitão Simeão Marcondes, escrivão que foi do Registro Civil, quando Ararucá ainda não figurava no rol das Comarcas. D. Angelina mais duas filhas, que devem ser tão vetustas quanto a mãe, a julgar pelas rugas e pela assiduidade à Matriz, onde as três passam os quatro quintos do tempo, vivem dos lucros da sua indústria quintandeira da minha pensão e da renda da chácara alugada aos promotores públicos e que lhes foi deixada pelo antigo registador civil, agora este sobradinho. Na casa ainda existem outras criaturas de alma vivente, mas de apagada personalidade. São elas uma súcia de gatos imemoriais e proflícos e o sobrinho Samuel, primo das filhas, que ajuda a missa e dá aos sinos, sob as ordens do reverendo.

Al está, dentro do mundo, Ararucá, e dentro de Ararucá,

## NOVISSIMO TESTAMENTO

### REGÊNESIS

Conto de LEO VAZ

#### CAPITULO I

E tendo Deus terminado o repouso do dia sétimo, volveu a contemplar a sua obra que tinha feito.

2 E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que não era tão bom como a princípio julgara.

3 Todo o animal da terra e toda a ave dos céus e todo réptil da terra em que havia alma vivente; toda a erva verde era para mantimento de Adão.

4 E toda árvore que dava frutos em que havia semente; e toda erva que dava semente; que estava sobre a face da terra era-lhe mantimento.

5 E Adão frutificou e multiplicava-se, e enchia a face da terra e sujeitava-a; e dominava sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. E viu Deus que aquilo não era grande coisa.

6 E disse Deus: Não há muitas proporções na obra das nossas mãos. Um mundo tão grande, tão variado e complicado, para recreio de um bicho da terra tão pequeno! Ora acabemos com isto.

7 Acabemos com aquele que tem a nossa imagem e semelhança; e domina sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.

8 Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e torcendo a mulher, compunha-a com as mãos até reduzi-la a uma simples costela.

9 E rasgando a ilharga de Adão o Senhor Deus introduziu-lhe no arcaíbute a costela em que tinha transformado a mulher, e cortou a carne em seu lugar.

10 E disse Adão: Esta agora é com o que eu não contava! Livre! Enfim, eis uma coisa mesmo bem feita! Arre... Custou um pouco, e verdade, mas antes tarde do que nunca! Uff!...

11 Já agora, não mais deixará o varão o seu pai e a sua mãe para apegar-se à sua mulher... Voltam aqueles doces dias do paraíso de antes, que ela me viesse deixar a perder...

12 E foi a tarde e a manhã do dia oitavo.

#### CAPITULO II

Mas Deus pôs logo água fria na fervura lírica de Adão.

2 Porquanto, chegando-lhe a boca ao rosto, aspirou dos seus narizes o fôlego da vida, e Adão, banalíssima figura feita com o pó da terra, caiu de comprido no solo, desfazendo-se em cacós.

3 Então Deus tomou um grosso calhau e bateu com ele sobre os destroços de Adão, tornando-o pó, que o vento espalhou sobre a face da terra. E viu Deus que não era mau.

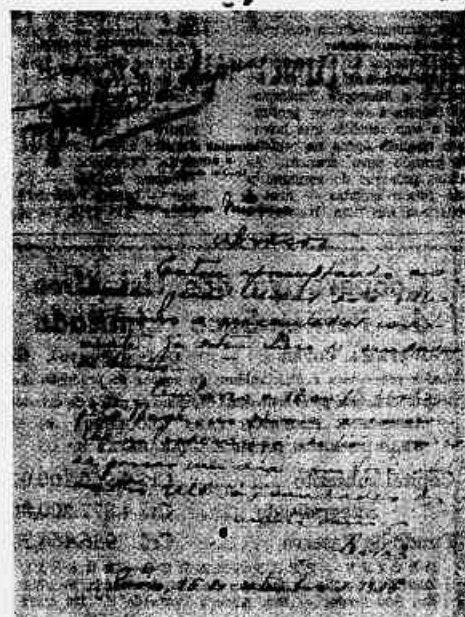
4 E disse Deus: Desapareça também toda a alma vivente, qualquer que seja a sua espécie: gados, e répteis, e bestas feras; e usinim foi.

5 E destruiu Deus as bestas feras da terra de toda a espécie, e o gado de toda a espécie, e todo réptil da terra de toda espécie. E viu Deus que era bom.

6 E foi a tarde e a manhã do dia nono.

7 E olhou Deus para o fundo das águas e para a face da expansão dos céus, e notou que as aves se multiplicavam sobre a terra e que as grandes balcãs, e todo o réptil de alma vivente enchiam as águas dos mares, conforme a sua espécie.

8 E Deus os apostrofou, dizendo: (Cont. na página 34)



Autógrafo de Leo Vaz

cá o canto onde respira este Jeremias Pereira que estas regras escreve. Digam agora se não é de relevância que ele cá esteja, por falta de melhor mistér, a garatujar este seu livro.

Não seria aqui que havia

de escrever-se a Iliada nem o Dom Quixote.

(Leo Vaz — "O Professor Jeremias" — 4.ª edição — (Monteiro Lobato & Cia. — Editores — São Paulo — 1921). — Pg. 13).



# "O Corvo", de Edgar Poe

VIII

Tradução de GONDIM DA FONSECA

Certa vez quando, à meia noite, eu lia, fraco, extenuado, um livro antigo e singular, sobre doutrinas do passado, meio dormindo, — cabeceando, — ouvi uma sons, (trêmulos, tais como se leve, bem de leve, alguém batesse à minha porta. "E um visitante", murmurei, "que bate, leve, à minha porta. "Apenas isso, e nada mais".

Bem me recordo! Era em dezembro. Um frio atroz, (ventos cortantes... Morria a chama no fogão, pondo no chão sombras errantes. Eu nos meus livros procurava, — ansiando as horas (matinais, um meio (em vão) de amortecer fundas saudades de (Lenora, — bela adorada, a quem, no céu, os querubins chamam (Lenora, e aqui, ninguém chamara mais.

E das cortinas cor de sangue, o arfar eterno, e brando, (e vago causou-me horror nunca sentido, — horror fantástico e pressago. Então, fiquei (para acalmar o coração de surtos tais) a repetir: "E alguém que bate, alguém que bate à minha porta; "alguém noturno visitante, aqui batendo à minha porta; "é isso! é isso e nada mais!"

Portalecido já por fim, brado, perdendo a hesitação: "Senhor! senhora! quem sejas! Se demores, peço (perdo! "Eu dormitava, fatigado, e tão baixinho me chamava. "bateia tão manso, mansamente, assim de noite à (minha porta, "que não é fácil escutar". Porém, só vejo, abrindo (a porta, a escuridão e nada mais.

Perquiria a treva longamente, estarecido, amedrontado, contendo sonhos que, talvez, nenhum mortal haja (sonhado. Silêncio fúnebre! Ninguém! De visitante nem sinais. Uma palavra, apenas, cortou a noite plácida: — (Lenora. Digo-a em segredo e num murmúrio, o eco repete-me — (Lenora. Isto, somente, — e nada mais.

Para o meu quarto eu volte enfim, — sentindo n'alma (estranho ardor, e novamente ouço bater, ouço bater com mais vigor. "Vem da janella", presumi, "estes rumores anormais. "Mas eu depressa vou saber donde procede tal mistério. "Fica tranqüila, coração! Perscruta, calma, este mistério. "E o vento, o vento e nada mais!"

Bis, de repente, abro a janella, e esvoaça então, vindo (de fora,

um Corvo grande, ave ancestral, dos tempos bíblicos, — doutro! Sem cortesia, sem parar, batendo as asas triunfais éle, com ar de grão senhor, foi, sobre a porta do meu quarto, (que ficou, sombrio, e nada mais.

Eu estava triste, mas sorri, vendo o meu hóspede noturno tão gravemente repousado, hirtó, solene e taciturno. "Sem crista, embora" — ponderei — "embora ancão (dos teus iguais, "não és medroso, ó Corvo hediondo, ó filho errante (de Plutão! "Que nobre nome é acaso o teu, no escuro Império (de Plutão? E o Corvo disse: "Nunca mais!"

Piquei surpreso — pois que nunca imaginei fosse possível ouvir de um corvo tal resposta, embora incerta, in- (compreensível. E creio bem, que em tempo algum, em noite alguma, (entes mortais viram um pássaro adajar, voando por cima de uma (porta, e declarar (do alto de um busto, erguido acima de uma (porta, que se chamava "Nunca mais".

Porém o Corvo, solitário, essas palavras só murmura, como que nelas refletindo uma alma cheia de amargura. Depois concentra-se e nem move, — inerte sobre os (meus humbraes, uma só pena. Exclamei então: "Muitos amigos me (fugiram... Tu fugirás, pela manhã, como os meus sonhos me (fugiram! Responde o Corvo: "Oh! nunca mais!"

Pasmado, ao voltar o atroz silêncio uma resposta assim (tão justa, e digo: "Certo, éle só sabe essa expressão com que (me assusta. "Ouvi-a, acaso, de algum dono, a quem desgraças (infernaes hajam seguido, e perseguido, até cair nesse estríbilho, "até chorar as lúsbões com esse lugubre estríbilho — "nunca mais! oh nunca mais!"

De novo, foram-se mudando as minhas mágoas num (sorriso... Então, rodei uma poltrona, olhei o Corvo, de improviso, e nos estofos mergulhei, formando hipóteses mentais sobre as secretas intenções, que essa medonha ave (lagoureira, velha, disforme, e repulsiva, e macilenta ave agoureira, tinha, granando "nunca mais".

Mil cousas vagal presunp... Não lhe falava, mas sentia que me atravava o coração o duro olhar da ave sombria. E assim fiquei, num devanilo, em deducções con- (jecturas, minha cabeça reclinando, — à luz da lâmpada fulgente, nessa almofada de veludo, em que éle, agora, — à luz (indigente, não mais descança, — ah, nunca mais! Subitamente o ar se adensou, qual se em meu quarto (escitasse anjos pousassem, balançando um invisível incensário. "Este infeliz!" — eu exclamei. "Deus apiedou-se dos (teus aje! "Calma-te! calma-te e domina essas saudades de (Lenora! "Bebe o nepenthe bemfazejo! Olvida a imagem de (Lenora! E o Corvo disse: "Nunca mais!"

"Profeta!" — brado. "Anjo do mal! Ave ou demônio (irreverente que a tempestade, ou Satanaz, aqui lançou tra- (gicamente, "e que te vê, soberbo e só, nestes desertos areais, "nesta mansão de eterno horror! Fala! responde ao (teu! fala! "Existe bálsamo em Galaz? Existe? Fala, ó Corvo! (Fala! E o Corvo disse: "Nunca mais!"

"Profeta!" — brado. "Anjo do mal! Ave ou demônio (irreverente "Dize, por Deus que está nos céus! Dize! eu t'o peço (humildemente! "Dize a esta pobre alma sem luz, se lá nos páramos (astrais, "poderá ver, um dia, ainda, a bela e cândida Lenora, "amada minha, a quem, no céu, os querubins chamam (Lenora! E o Corvo disse: "Nunca mais!"

"Seja essa frase o nosso adeus" — grito, de pé, com (inflação. "Vai-te! Regressa à tempestade, à noite escura, se (Plutão! "Não deixes pluma que recorde essas palavras fúnebres! "Mentiste! Sai! Deixa-me só! Sai! desse busto junto (à porta! "Não rasgues mais meu coração! Piedade! Sai! de (sobre a porta! E o Corvo disse: "Nunca mais!"

E não saiu! e não saiu! Ainda agora se conserva (pousado, trágico e fatal, no busto branco de Minerva, Negro demônio sonhador, seus olhos são como punhais! Por cima, a luz, jorrando, espalha a sombra d'ele, que (flutua... E a alma infeliz, que me tombou dentro da sombra que (flutua, não há de erguer-se, — nunca mais!

(Gondim da Fonseca — Poemas da Angústia Alícia — págs. 115-23).

## BERNARDINO JOSE DE SOUZA

### A VIDA DOS LIVROS

(Continuação da pág. 31)

taque, fóra-coleção, foram programados os seguintes: "Toda a poesia de Guilherme de Almeida".

"As Obras Completas", de Joaquim Nabuco, em 14 volumes.

"Vida de Jesus", de Abade Giuseppe Ricciotti.

"Organização social dos Tupinambás", de Florestan Fernandes.

"Saber ver", de Guido Marangoni.

"História da Ciência", de Charles Singer.

"Dicionário da música", de Gatti Della Corte.

Fazem parte ainda do programa do IPE para 1949, Livros Didáticos, Livros Infantis e Livros Policiais.

Relatório do prof. — — Baía, 1932.

— Herólicas Balanças — Livraria José Olímpio — Rio, 1936.

— Dicionário da Terra e da gente do Brasil. — Brasileira, Companhia Editora Nacional. — S. Paulo, 1939.

— O ciclo do carro de bois no Brasil. Ficou inédito. É um volume de mais de oitocentas páginas, com fotografias, desenhos e mapas.

Velho Sobrinho (Dicionário, vol. 2.º, p. 298-299) traz minuciosa bibliografia do autor, na qual relacionou os títulos de numerosos trabalhos por ele publicados em jornais e revistas.

## OTAVIO KELLY

A 31 de dezembro último faleceu nesta cidade o dr. Otávio Kelly, ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal, poeta, jornalista, ensaísta e jurista de real mérito.

Nasceu em Niterói, a 20 de abril de 1878 e se formou em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Teve assento na Câmara Municipal de Niterói, passando depois para a Assembleia Legislativa do Estado (1908-1909). Foi, ali, leader do partido chefiado por Nilo Peçanha. Em 1909 foi nomeado juiz federal na seção do Rio de Janeiro, na vaga que se verificou pela transferência do dr. Raul Martins; em 1917, removido, a pedido, para a 2.ª Vara do Distrito Federal na vaga ocorrida com a ecclia do dr. Pires e Albuquerque para ministro da Alta Corte. Nessas funções, dirigiu, por muitos anos, o Registro Geral de Eleitores, foi membro, posteriormente, do Tribunal Eleitoral Regional, participou das Comissões da Justiça Nacional e do Código Eleitoral, e substituiu, em convocação, por mais de um ano, juizes do Supremo Tribunal, para uma de cujas cadeiras foi afinal nomeado pelo chefe do Governo, em 7 de fevereiro de 1934, na vaga aberta com a aposentadoria do ministro Rodrigo Otávio;

aposentou-se nesse cargo em agosto de 1942. Foi professor honorário da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro.

Era pai de Prado Kelly, a poeta de "Alma Rerum", laureado da Academia Brasileira de Letras, hoje deputado federal e um dos líderes da U. D. N.; e de Celso Kelly, professor da Faculdade Nacional de Filosofia (Curso de Jornalismo) e redator artístico de "A Noite".

Publicou: Calidos — Versos.

— Romanço — versos.

— Manual de Jurisprudência Federal (1913).

— Suplementos (1917 — 1920 — 1923 — 1928).

— Estética do Direito (1927).

— Eleições Federais. — Código Eleitoral anulado (1923), teve duas edições.

— Consolidação das Leis Eleitorais (1934).

— O Código Civil no Supremo Tribunal Federal, estava em provas quando o autor faleceu.

Notícia sobre Eusebio de Matos

(Continuação da pág. 1)

— Silva, Pereira da (J. M.) — Versos Ilustres do Brasil — t. 2.º.

— Varnhagen — Florilégio da Poesia Brasileira — Revista do Instituto Histórico. t. 1.º, da 2.ª s.º.

# Cronologia da Escravidão

- 1680 (1 de Abril) — O Príncipe-Regente, depois Rei D. Pedro II, dá uma carta de lei, abolindo a escravidão dos índios.
- 1755 (6 de Junho) — Carta de lei de D. José I (Marquês de Pombal), revalidando as leis anteriores, e particularmente a 1 de Abril de 1680, em favor da liberdade dos índios.
- 1758 — Manuel Ribeiro da Rocha publica o *Etiopo resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado* — primeiro livro que trata do Abolicionismo no Brasil.
- 1761 (19 de Setembro) — Alvará declarando livres os escravos introduzidos em Portugal depois de certa época.
- 1773 (16 de Janeiro) — Lei de D. José I (Marquês de Pombal) abolindo a escravidão em todo o reino de Portugal. Determinava essa lei que os que nascessem de sua data em diante seriam livres e ingênuos. Dos nascidos anteriormente só seriam escravos durante a vida os que proviessem de mães e avós escravos; todos os outros seriam livres, ainda que as bisavós o não fossem.
- 1789 — Inconfidência Mineira — E' do seu programa dar cabo da escravidão.
- 1821 — João Severiano Ma-
- ciê da Costa (Marquês de Queluz) publica em Coimbra sua memória sobre a necessidade de abolir a introdução de escravos africanos no Brasil.
- 1823 — Projeto de Constituição do Império. Trata do assunto.
- 1826 (23 de Novembro) — Convenção do Brasil com a Inglaterra, mediante a qual três anos depois da troca das ratificações (que foram feitas a 13 de Março de 1827) ficaria prohibido aos brasileiros o tráfico de escravos da costa da África.
- 1831 (7 de Novembro) — Lei declarando livres todos os escravos que entram nos portos ou no território do Brasil, vindos do estrangeiro.
- 1845 (8 de Agosto) — Bill Aberdeen.
- 1850 (4 de Setembro) — Lei de Eusébio de Queiroz contra os contrabandistas.
- 1854 (5 de Junho) — Lei Nabuco de Araújo tornando mais eficaz a luta contra o tráfico.
- 1863 (17 de Maio) — A Primavera, jornal académico do Recife, publica os primeiros versos abolicionistas de Castro Alves — A Canção do Africano.
- 1868 (6 de Maio) — A Ordem Beneditina Brasileira, pelo capítulo reunido na cidade da Bahia, resolveu que

ficavam livres os filhos dos escravos daquela corporação, nascidos a partir do dia 3 daquele mês.

- 1866 (6 de Novembro) — Decreto que concede liberdade gratuita aos escravos da nação que possam servir no Exército; sendo eles casados, estende-se o mesmo benefício às suas esposas.
- 1863 — Publicação de Os Escravos, de Castro Alves.
- 1863 — Joaquim Nabuco publica — O Abolicionismo.
- 1864 (25 de Março) — O Ceará declara livres os seus escravos.

(20 de Junho) — O Amazonas segue o exemplo do Ceará.

(7 de Setembro) — O Rio Grande do Sul segue o exemplo do Ceará e do Amazonas.

— 1864 (4 de Agosto) — Rui Barbosa apresenta, em sessão da Câmara dos Deputados, o seu Parecer n.º 48-A, acerca do projeto n.º 48 (Projeto Danzas, ou da Emancipação dos Sexagenários). Saiu em volume — Tipografia Nacional, Rio 1864, 263 págs.

— 1865 (5 de Janeiro) — Tentativa de empestamento da Gazeta da Tarde.

— 1865 (26 de Janeiro) — Nabuco chega ao Rio e é saudado por José do Patrocínio.

— 1865 (12 de agosto) — Rui pronuncia, no Teatro Politeama, a sua conferência A situação abolicionista. Saiu em volume, Rio, 1865 — 62 páginas.

— 1865 (26 de Setembro) — Lei que declara livres os escravos de mais de 60 anos.

— 1865 (17 de Novembro) — Rui pronuncia, no Teatro Lucinda, a sua Conferência Abolicionista (comemoração da lei de 7 de Novembro de 1831). Saiu em volume — Imp. Nacional, Rio, 1865, 64 páginas.

— 1867 (28 de Agosto) — Rui Barbosa pronuncia, no Teatro Politeama do Rio de Ja-

neiro, a sua conferência A Abolição no Brasil.

Abolição no Brasil. Saiu em volume, mandado publicar pelos alunos da Escola Militar — Rio, 1867 — 34 págs. 1687 (28 de setembro) — Patrocínio funda a Cidade do Rio.

— 1868 (10 de Março) — Sobre ao poder o Gabinete João Alfredo.

— 1868 (19 de Março) — E' publicada no País a opinião dada pelo Papa a Nabuco sobre a Escravidão.

— 1868 (28 de Abril) — Rui Barbosa pronuncia, no Tea-

tro São João da Bahia, seu discurso Aos Abolicionistas Baianos.

— 1868 (7 de Maio) — Rodrigo Silva (Ministro da Agricultura) apresenta à Câmara o projeto de extinção da escravidão.

— 1868 (10 de Maio) — E' aprovado pela Câmara o projeto Rodrigo Silva.

— 1868 (13 de Maio) — O Senado aprova em última emenda o projeto Rodrigo Silva.

— A Princesa Isabel assina o projeto Rodrigo Silva, transformando-o em lei.

## O Museu de Arte Moderna

Foi, afinal inaugurado, no Rio de Janeiro, o Museu de Arte Moderna. Desde uma semana, viu o Rio de Janeiro subir algumas linhas o gráfico que dá o índice da civilização da nossa gente.

Não é preciso ser partidário da Arte Moderna para compreender o que significa, no âmbito da cultura uma iniciativa dessa ordem. Museus desse gênero possuem todas as grandes capitais do mundo, aquelas que, pela sua espiritualidade e pelo seu requinte, representam a mais pura flor da humanidade no século atual.

Possuem-no Paris e Londres, Roma, Nova York, Buenos Aires. E' neles que os estudiosos, todos os que desejam tomar contato com a arte viva de cada país, vão procurar os elementos necessários à sua meditação, às suas apreciações, às suas críticas.

E não é só isso, pois um Museu de Arte Moderna (nos moldes do que acaba de ser fundado nesta capital) não se destina apenas a recolher a obra dos artistas locais ou nacionais.

Um Museu desse tipo, com essa orientação e esse programa, fica valendo como um campo precioso de estudos acerca de toda a arte contemporânea, em qualquer país que ela se apresente. O Museu agora aberto, por exemplo, começou as suas atividades com uma exposição, na qual são apresentados os gloriosos nomes da pintura contemporânea em vários países da Europa.

Esforço de um grupo de abnegados amigos de cultura, — entre os quais é justo pôr em destaque o nome de Joelias Leão, flama de puro entusiasmo, sem a qual o empreendimento nunca teria chegado ao seu termo — o Museu de Arte Moderna há de contar, com certeza, com o apoio de quantos amam a arte, de quantos vêem nela aquilo que ela de fato é: o esplendor da alma das nacionalidades.

O Museu de Arte Moderna acaba-se instalado no 11.º andar do edifício do Banco Boa Vista, à avenida Presidente Vargas.

## NOVISSIMO TESTAMENTO

(Cont. da página 32)

sendo: Definhal e reduzi-vos, e da face da expansão dos céus; desapareceu do seio das águas e assim foi.

9 E destruiu Deus as grandes hecaties e todo o réptil de alma vivente que as águas abundantemente produziam conforme a sua espécie; e viu Deus que era sofrível.

10 E foi a tarde e a manhã do dia décimo.

11 E olhou Deus para a face da expansão dos céus e viu que havia separação entre o dia e a noite e que havia um lizeiro que presidia ao dia e outro lizeiro e outros lizeirinhos que presidiam à noite.

12 E eles estavam na expansão dos céus para alumiar a terra.

13 E para governar o dia e a noite e para fazer separação entre a luz e as trevas. E viu Deus que podia limpar as mãos à parede, porque havia eclipses que toldavam a face do sol, e havia noites desalumiadas, e havia crepúsculos em que não era bem executada a regra da separação.

14 E disse Deus: acabemos também com isto.

15 E soprou Deus um grande sopro sobre os lizeiros do dia e os da noite e os apagou.

16 Então reinou definitivamente sobre a terra e sob a expansão dos céus a primitiva mistura da luz e das trevas.

17 E foi a tarde e a manhã do dia undécimo.

18 E olhou Deus sobre a terra e verificou que uma porção era seca, chamada Terra, e noutro ponto as águas estavam juntas, formando os Mares.

19 E a terra produzia erva verde, erva que dava semente, árvore frutífera que dava fruto segundo a sua espécie, cuja semente estava nela sobre a terra; e viu Deus que não valia dois caracóis.

20 E disse Deus: nivele-se a face da terra e as águas que estão juntas nos mares cubram a terra por forma que não mais apareça nenhuma porção e pereça toda a erva verde que dá semente e toda árvore frutífera que dá fruto segundo a sua espécie; e assim foi.

21 E nivelou Deus a face da terra e as águas que estavam juntas nos mares rolaram sobre a porção seca e aniquilaram toda a erva verde que dá semente e toda árvore frutífera.

que dá fruto segundo a sua espécie; e viu Deus que era regular.

22 E foi a tarde e a manhã do dia duodécimo.

23 E olhou Deus e viu que havia uma expansão no meio das águas, e havia separação entre águas e águas.

24 Havia separação entre as águas que estavam debaixo da expansão, e as águas que estavam sobre a expansão. E viu Deus que não tinha cabimento.

25 E disse Deus: Nada de expansões; e assim foi.

26 E Deus suprimiu a expansão e com ela toda separação entre águas e águas; e viu Deus que era já alguma coisa.

27 E foi a tarde e a manhã do dia décimo-terceiro.

28 E olhou Deus e viu... que ainda havia luz. E ainda havia trevas, e as trevas estavam separadas da luz.

E viu Deus que essa luz era péssima.

29 E disse Deus: apaguemos a luz. E, adeus luz; e viu Deus que era já melhor.

30 E fez Deus a mistura da luz com as trevas; e viu Deus que era bom.

31 E foi a tarde e a manhã do dia penúltimo.

32 E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; o espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

33 E olhou Deus e nada via porque as trevas cobriam a face do abismo.

34 E disse Deus: Sumam-se, os céus e a terra; e assim foi.

35 E fez Deus sumirem-se os céus e a terra; e o espírito de Deus encontrou-se enfim livre e desembaraçado de qualquer preocupação.

36 E sentiu Deus que era ótimo.

### CAPITULO III

Assim os céus e a terra e todo o seu exército foram acabados.

2 E havendo Deus acabado no penúltimo dia a sua obra, que tinha feito, descansou no ultimo dia de toda a sua obra que tinha desfeito.

E abençoou Deus o dia último, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e desfizera.

4 E remergulhou o Senhor Deus na antiga perfeição.

L. V.

## BIOGRAFIA DE CASIMIRO DE ABREU

Demos no nosso último número a notícia de que Nilo Bruzzi, depois de paciente busca de documentos, começou a escrever um estudo biográfico de Casimiro de Abreu. E' um trabalho que se pode dizer que representa uma verdadeira revisão de tudo o que se tem escrito nestes noventa anos sobre o imortal poeta das Primaveras, porque Nilo Bruzzi coloca a pessoa do grande lirico num outro plano inteiramente diferente daqueles em que o collocaram todos os seus biógrafos.

Trata-se de um esforço de pesquisa documental como jamais foi feito em torno da figura do artista estudado. Altera inteiramente dados até agora tidos como certos e surpreende detalhes curiosísimos.

Hoje podemos adiantar o título da obra de Nilo Bruzzi, que será: "Trabalho, Tristeza e Glória."

Outro fato interessantíssimo que também vamos levar ao conhecimento dos leitores é que Nilo Bruzzi, usando do seu modo peculiar de conduzir as suas produções literárias, ao invés de mencionar as fontes do seu trabalho no fim da obra, como todos os historiadores usam fazer, vai publicar nas páginas de AUTORES E LIVROS, na íntegra, todos os documentos inéditos que encontrou nas pacientes buscas feitas nestes dez meses de esforço silencioso e pertinaz. Deste modo, dentro em breve iniciaremos a publicação de uma série de páginas desconhecidas sobre Casimiro de Abreu, as quais ficarão sendo a prova documental da origem do trabalho literário de Nilo Bruzzi.

fumem

# CONTINENTAL

Cia. de Cigarros

Souza Cruz



# Discursos Acadêmicos Obras da Academia Brasileira de Letras

Curiosa estatística acerca dos discursos de recepção na Academia Brasileira de Letras (até 1938):

Até 10 páginas:

— Lauro de Mendonça recebendo a Domício da Gama — 6 páginas.  
— João Ribeiro fazendo o elogio de Luiz Guimarães Junior — 8 páginas.

De 10 páginas:

— Domício da Gama — elogio de Raul Pompeia.  
— Carlos de Laet — saudação a Dantas Barreto.  
— Heli Lobo — elogio de Souza Bandeira.

De 11 páginas:

— Salvador de Mendonça — saudação a Oliveira Lima.  
— Jacuquy — elogio de T. de Melo.  
— Medeiros e Albuquerque — saudação a Ataúlfo de Paiva.

De 12 páginas:

— José Veríssimo — saudação a João Ribeiro.  
— Dantas Barreto — elogio de Joaquim Nabuco.  
— D. Silvério — Elogio de Alípio Guanabara.  
— Carlos de Laet — saudação a D. Silvério.  
— Alcides Maya — saudação a Gregório Fonseca.

De 13 páginas:

— Oliveira Lima — saudação a A. Orlando.  
— Clóvis Beviláqua — saudação a Pedro Lessa.  
— Sousa Bandeira — saudação a Felix Pacheco.  
— Gustavo Barroso — elogio de D. Silvério.  
— Fernando Magalhães — elogio de Domício da Gama.

De 14 páginas:

— Sousa Bandeira — elogio de Martins Junior.  
— Graça Aranha — saudação a Sousa Bandeira.  
— Augusto de Lima — elogio de Urbano Duarte.  
— Coelho Neto — saudação a Paulo Barreto.

De 15 páginas:

— Alberto de Oliveira — saudação a Goulart de Andrade.  
— Lauro Muller — saudação a Heli Lobo.  
— Xavier Marques — elogio de Inglês de Sousa.  
— Goulart de Andrade — saudação a Xavier Marques.  
— Heli Lobo — saudação a Alberto de Faria.

De 16 páginas:

— Paulo Barreto — saudação a Luiz Guimarães.  
— Antônio Austregaleto — elogio de Heráclito Graça.  
— Laudelino Freire — saudação a Ribeiro Couto.  
— Roquette-Pinto — saudação a Miguel Osório.

De 17 páginas:

— Araripe Junior — saudação a Afrânio Peixoto.  
— Rodrigo Otávio — saudação a Alcides Maya.  
— Constantino Alves — elogio de Paulo Barreto.  
— Aloisio de Castro — saudação a Laudelino Freire.  
— Alfredo Pujol — saudação a Cláudio de Sousa.

De 18 páginas:

— Fernando Magalhães — saudação a Ramiz Galvão.  
— Roquette-Pinto — saudação a Afonso de Taunay.  
— Guilherme de Almeida — elogio de Amadeu Amaral.  
— Aloisio de Castro — saudação a Celso Vieira.

De 19 páginas:

— Goulart de Andrade — elogio de Jacuquy.  
— Aloisio de Castro — saudação a Roquette-Pinto.  
— Fernando Magalhães — saudação a Alceu Amoroso Lima.

De 20 páginas:

— Cláudio de Sousa — saudação a Afonso Arinos.  
— Pedro Lessa — elogio de Lauro de Mendonça.  
— Coelho Neto — saudação a Osório Duque Estrada.  
— Laudelino Freire — saudação a Ademar Tavares.  
— Osório Duque Estrada — saudação a Luiz Carlos.  
— Ramiz Galvão — elogio de Carlos de Laet.  
— Pereira da Silva — saudação a Mucio Leão.

De 20 páginas:

— Francisco de Castro — elogio de Taunay.  
— Osvaldo Cruz — elogio de Raimundo Correia.  
— M. de Alencar — saudação a Antônio Austregaleto.  
— Luiz Guimarães — elogio de Garcia Redondo.  
— Miguel Couto — elogio de Afonso Arinos.  
— M. de Alencar — saudação a Miguel Couto.  
— M. de Alencar — saudação a Alberto de Faria.  
— Gregório Fonseca — elogio de Dantas Barreto.  
— Ademar Tavares — saudação a Pereira da Silva.

De 21 páginas:

— Aloisio de Castro — elogio de Osvaldo Cruz.  
— Medeiros e Albuquerque — saudação a Fernando Magalhães.  
— Gustavo Barroso — saudação a Olegário Mariano.  
— Olegário Mariano — saudação a Guilherme de Almeida.  
— Afrânio Peixoto — saudação a Alcântara Machado.  
— Rodolfo Garcia — elogio de Rocha Pombo.  
— Paulo Setubal — elogio de João Ribeiro.

De 22 páginas:

— Alcântara Machado — saudação a Paulo Setubal.  
— Victor Vianna — elogio de Augusto de Lima.

De 23 páginas:

— Gustavo Barroso — saudação a Pedro Calmon.  
— Euláides da Cunha — elogio de Valentim Magalhães.  
— Medeiros e Albuquerque — saudação a Augusto de Lima.  
— Lauro Muller — elogio de Rio Branco.

De 24 páginas:

— Humberto de Campos — elogio de Emílio de Meneses.  
— Afonso Arinos — elogio de Eduardo Prado.  
— Luiz Carlos — elogio de Hamem de Melo.  
— Osório Duque Estrada — elogio de Silvano Romero.

De 25 páginas:

— Celso Vieira — saudação a Vitor Viana.  
— Afrânio Peixoto — saudação a Osvaldo Cruz.  
— Afrânio Peixoto — saudação a Aloisio de Castro.  
— Alfredo Pujol — elogio de Lafayette Pereira.

De 26 páginas:

— Augusto de Lima — saudação a João Luiz Alves.  
— Olegário Mariano — elogio de M. de Alencar.  
— Alceu Amoroso Lima — elogio de Miguel Couto.

De 27 páginas:

— Artur Orlando — elogio de Franklin Dória.  
— Afrânio Peixoto — elogio de Euláides da Cunha.  
— Otávio Mangabeira — elogio de Alfredo Pujol.

De 28 páginas:

— Afonso Celso — saudação a Otávio Mangabeira.  
— Roquette-Pinto — elogio de Osório Duque Estrada.  
— Alcides Maya — elogio de A. Azevedo.  
— D. Aquino — elogio de Lauro Muller.

De 29 páginas:

— Ataúlfo de Paiva — saudação a D. Aquino.  
— Mário de Alencar — elogio de José do Patrocínio.  
— Coelho Neto — saudação a Mário de Alencar.

De 30 páginas:

— Paulo Barreto — elogio de Guimarães Passos.  
— Afonso Celso — saudação a Lauro Muller.  
— Pedro Lessa — saudação a Humberto de Campos.  
— Pereira da Silva — elogio de Luiz Carlos.  
— Ribeiro Couto — elogio de Constantino Alves.

— Paulo Barreto — elogio de

Guimarães Passos.  
— Afonso Celso — saudação a Lauro Muller.  
— Pedro Lessa — saudação a Humberto de Campos.  
— Pereira da Silva — elogio de Luiz Carlos.  
— Ribeiro Couto — elogio de Constantino Alves.

De 29 páginas:

— Afonso Arinos — saudação a Jacuquy.  
— Alberto Faria — saudação a Gustavo Barroso.  
— Alberto Faria — elogio de Oliveira Lima.

De 30 páginas:

— Felix Pacheco — elogio de Araripe Junior.

De 31 páginas:

— Ataúlfo de Paiva — elogio de Artur Orlando.  
— Amadeu Amaral — elogio de Cláudio de Sousa.

De 32 páginas:

— Osório Duque Estrada — saudação a Vicente de Carvalho.  
— Afonso de Taunay — saudação a Rodolfo Garcia.

De 33 páginas:

— Miguel Osório de Almeida — elogio de Medeiros e Albuquerque.  
— Laudelino Freire — elogio de Rui Barbosa.

De 34 páginas:

— Magalhães de Azevedo — saudação a Amadeu Amaral.  
— Alcântara Machado — elogio de Silva Ramos.

De 35 páginas:

— Alberto Faria — elogio de Homem de Melo.

De 36 páginas:

— Oliveira Lima — elogio de Varnhagen.  
— Afonso Taunay — elogio de Luiz Murat.

De 37 páginas:

— Pedro Calmon — elogio de Felix Pacheco.

De 38 páginas:

— Mucio Leão — elogio de Humberto de Campos.

De 39 páginas:

— Felix Pacheco — saudação a Constantino Alves.

De 40 páginas:

— Celso Vieira — elogio de Santos Dumont.

De 41 páginas:

— Silvano Romero — saudação a Euláides da Cunha.

De 42 páginas:

— Henri Beccue satirizava a raridade de produção poética de Herédia. Assim, compôs ele para ferir o poeta dos Troféus, um epigrama que ficou celebre: Monsieur de Herédia! C'est un homme qui compte.

De 43 páginas:

— Il n'a fait deux ou trois sonnets de plus qu'Oronte.

De 44 páginas:

— O Instituto Progresso Editorial (IPE) apresentará este ano Toda a Poesia de Guilherme de Almeida.

De 45 páginas:

— O Brasil está, a estas horas, em expectativa de ver o início de grandes comemorações, em torno dos nomes de Goethe, de Joaquim Nabuco e de Ruy Barbosa. De Goethe, passará em Agosto o primeiro centenário do falecimento; de Nabuco e de Ruy passarão, em Agosto e em Novembro, os centenários do nascimento.

De 46 páginas:

— Para cada um desses acontecimentos, organizam-se grandes e eloquentes programas. Sabemos, por exemplo, que a Biblioteca Nacional vai promover uma importante exposição goetheana.

De 47 páginas:

— O Ministério das Relações Exteriores, o Instituto Histórico, a Biblioteca Nacional, a Casa Ruy Barbosa, a Academia Brasileira de Letras, os governos de Pernambuco e da Bahia, outras entidades igualmente prestigiosas organizam programas de expressão espiritual e cultural para celebrar o grande poeta universal do Fuzo e os dois gloriosos brasileiros.

De 48 páginas:

— O inventor dos discursos acadêmicos foi o acadêmico francês Patru. Era considerado não só um grande advogado em Paris, mas também um escritor de primeira ordem. Foi eleito para a Academia aos 36 anos. Ao tomar posse da sua cadeira, produziu um discurso de agradecimento que pareceu belíssimo a toda a gente. Foi isso em 1840. Desde então os discursos de recepção acadêmicos se tornaram praxe.

De 49 páginas:

— O Instituto Progresso Editorial (IPE) apresentará este ano Toda a Poesia de Guilherme de Almeida.

De 50 páginas:

— O Brasil está, a estas horas, em expectativa de ver o início de grandes comemorações, em torno dos nomes de Goethe, de Joaquim Nabuco e de Ruy Barbosa. De Goethe, passará em Agosto o primeiro centenário do falecimento; de Nabuco e de Ruy passarão, em Agosto e em Novembro, os centenários do nascimento.

De 51 páginas:

— Para cada um desses acontecimentos, organizam-se grandes e eloquentes programas. Sabemos, por exemplo, que a Biblioteca Nacional vai promover uma importante exposição goetheana.

De 52 páginas:

— O Ministério das Relações Exteriores, o Instituto Histórico, a Biblioteca Nacional, a Casa Ruy Barbosa, a Academia Brasileira de Letras, os governos de Pernambuco e da Bahia, outras entidades igualmente prestigiosas organizam programas de expressão espiritual e cultural para celebrar o grande poeta universal do Fuzo e os dois gloriosos brasileiros.

## I — LITERATURA

Prosopopeia, de Bento Teles, 1923.

Primeiras Letras (Cantos de Anchieta, O Diálogo, de João de Lery. Trovas indígenas), 1923.

Música do Parnaso, — A Ilha de Maré — de Manuel Botelho de Oliveira, 1929.

Obras, de Gregório de Matos: I — "Sagra", 1929; II — "Lírica", 1923; III — "Graciosa", 1920; IV e V — "Sátira", 2 vols., 1920; VI — "Ultima", 1933.

Discursos Político-Morais, de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes (prefácio de Alberto de Oliveira), 1930.

O Peregrino da América, de Nuno Marques Pereira (introdução e notas de A. P. Rodolfo Garcia, Pedro Calmon, Varnhagen e Leite de Vasconcelos), 2 tomos, 1939.

Geórgicas Brasileiras, de Prudentino de Amaral e José Rodrigues de Melo, tradução de João Quatrel dos Santos Reis, biografias e notas de Regina Pirajá da Silva, 1941.

O Uruguai, de José Basílio da Gama, edição comemorativa do 2.º Centenário do Poeta, anotada por Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Osvaldo Braga, 1941.

Poesias, de José Bonifácio (Americo Elisio) — Edição fac-similar da 1.ª (1825), com prefácio de Afrânio Peixoto — 1942.

Uma Página de Escola Realista, de Castro Alves. Edição fac-similar do autógrafo, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.

Queda que as Mulheres têm para os Tolos, de Machado de Assis. Edição fac-similar da 1.ª, de 1861, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.

Florilegio da Poesia Brasileira, de P. A. Varnhagen. Prefácio e notas de Rodolfo Garcia, 1946, 2 vols.

II — HISTÓRIA

Tratado da Terra do Brasil, — História da Província Santa Cruz — de Pero de Magalhães Gandavo (notas de Rodolfo Garcia), 1924.

Hans Staden — Viagem ao Brasil (revisão e anotação por Teodoro Sampaio), 1920.

Diálogos das Grandezas do

Brasil (notas de Rodolfo Garcia), 1920.

Cartas do Brasil, de Manuel de Nobrega (notas de Vale Cabral e

Cartas Avulsas de Jesuítas (1550-1568), (notas de Afrânio Peixoto), 1931.

Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões, de Joseph de Anchieta (1584-1591) (notas de A. de Alcântara Machado), 1933.

Jesuítas do Brasil e da Índia — do Padre José Caserio — texto latino e português — 1 vol., 1938.

Taetio Português — Dom Francisco Manuel de Melo, 1940, introdução e notas de Afrânio Peixoto, Pedro Calmon e Rodolfo Garcia.

A Academia Brasileira de Letras (Notas e documentos para a sua história, 1896-1940), com prefácio de Afrânio Peixoto, 1940.

III — BIO-BIBLIOGRAFIA

Castro Alves, por Afrânio Peixoto, 1931.

Escólios da Cunha, por F. Venâncio Filho, 1931.

Alvares de Azevedo, por Homero Pires, 1931.

Janquilha Freire, por Homero Pires, 1932.

Luiz Guimarães Junior, por Iracema Guimarães Vilela, 1934.

Leão de Mendonça, por Edgar e Carlos Sussekind de Mendonça, 1934.

Artur de Oliveira, por L. P. Vieira Souto, 1935.

Artur Azevedo, por Roberto Seidl, 1937.

Manuel de Araújo Porto-Alegre, por Heli Lobo, 1938.

Gonçalves Dias, por Josué Montele, 1942.

Raimundo Correia, pelo Cônego F. M. Bueno de Sequeira, 1942.

Francisco Alves de Oliveira, por Edmundo Moniz e Osvaldo Melo Braga, 1943.

Vicente de Carvalho, por Maria da Conceição Vicente de Carvalho.

IV — INEDITA

Pedro Luiz Dispersos, 1934, por Afrânio Peixoto.

Artur de Oliveira, Dispersos, por L. P. Vieira Souto, 1935.

V — DISCURSOS

Discursos Acadêmicos, 12 vols. (1897-1948).

## NADA

Tudo é nada no mundo; o nada é tudo, Porque tudo do nada foi tirado, Porque no nada tudo é transformado, E ao nada voltará n'um dia tudo.

Deus do nada co'um gesto tirou tudo; O Universo do nada foi tirado, E n'um dia, no nada transformado, Deixará de existir; e assim vai tudo.

Só nossa alma persiste, e Deus Eterno, Cuja essencia é de si mesmo increada, Pois é um Ser divino, Ente superno.

Na potencia do mundo agigantada, N'esta terra, nos céus, no proprio Inferno, Somente uma palavra eu leio: NADA.

19 de Março de 1865.

JOAQUIM NABUCO

NOTA — O soneto Nada foi escrito por Joaquim Nabuco na época da primeira mocidade, quase ainda na adolescência. E', entretanto, uma jóia autêntica da poesia nacional.

Em um dos nossos últimos números tivemos ocasião de incluir esse trabalho do grande brasileiro. Como saísse então com um erro de muita gravidade — no Deus por nos céus, no penúltimo verso — aqui o reproduzimos hoje, em sua forma exata.

# Poemas de Deolindo Tavares

## Poema post-eclipse

E as borboletas emigraram assustadas  
porque despetos os morcegos cruzaram a escuridão  
[duma brevíssima noite.  
Com cacos de vidro e cirios ardentes  
vi alguns poetas construírem poderosos telescópios  
e Murilo Mendes empunhando uma espada  
decepar de um só golpe a cabeleira de Santa Maria  
(Egipcíaca.

Burgiram então querubins  
e arrebataram o corpo da complexa santa,  
voltaram as borboletas  
e precipitaram a cabeça da bellissima solitária no  
[sereno mar.  
Um espectador se converteu e executou saltos mortais,  
mas foi transformado em corvo  
e sumiu no morno horizonte.  
Ante o céu, ante o mar e ante a serenissima noite  
ou adormecido estava,  
porque a mão do amigo corvo arrebatou o único óculo  
[que me protegia a vista;

ante o céu, ante o mar e sob o finíssimo luar  
eu adormecido estava,  
mas ouvi o tropel dos cavalos que se transformaram  
[em deuses  
que executaram mágicas num picadello de estrelas  
[anêmicas.  
No dorso do menor centauro,  
a amiga desaparecida se contorceu ao primeiro sinal  
do regente da orquestra.  
Bruscamente mulher e cavalo se confundiram com  
[fíbélulas

que dançavam uma velha valsa de Strauss.  
Eu adormecido estava,  
e a platéia protestou,  
mas fui salvo pelo escorpião amestrado  
que desempenha um grande papel neste circo.  
Desperto, agora, procuro o eclipse  
e não o encontrando suicido-me  
para não prosseguir esta vida ridícula e sombria  
que a todos conduzirà a eclipses totais.

## Eu te amo

Eu te amo em cada palavra que pronuncias,  
em cada olhar, em cada pranto, em cada gesto de tua  
[fínias finas e nervosas, eu te amo;  
resuscitaste para meu tormento e tormento de todos  
[os homens;  
eu te amo no som da tua voz,  
que ecoa na minha solidão como um cântico sagrado  
em qualquer templo abandonado;  
eu te amo porque és boa, porque és impura.  
Sei que teu corpo é uma planície desolada  
onde está enterrada uma sombra perdida  
e outra sombra que nele vive serena.

que te arrebatou, te transforma e te ausenta de mim.  
Existe na memória de cada minuto de minha vida  
e assististe as transmutações que os séculos operaram  
[em minha face.

Eu te amo e te desejo,  
eu te amo, ó impura!  
Eu te amarei na eternidade de outras vidas, em mil  
[noites.  
Tu me resuscitarás.

## Libertação

Agora olho tranqüilamente qualquer paisagem sem ficar  
[te encontrar,  
qualquer rio sem pensar em teu corpo,  
qualquer nuvem sem pensar em teus seios,  
qualquer flor sem pensar em teus lábios.

Agora todos os caminhos são suaves porque me  
[desencantei de ti!

## O mundo do poeta

(Para MANUEL ANSELMO)

No meu tranqüilo mundo de poeta  
pouco importa que os reis caíam  
e as rainhas tombem dos tabuleiros de xadrez  
sob as patadas dos cavalos,  
sob os risos dos bobos;  
no meu tranqüilo mundo de poeta,  
há um céu imenso, deserto e sem limites.

Se algum dia d'ête cair uma  
bomba entre os lilazes  
azuis dos meus canteiros  
esperarei a chuva e então,  
terei um lago sereno  
onde nadarão alvos cisnes;  
no meu tranqüilo mundo de poeta,  
posso dormir e sonhar  
por que há estrelas caindo  
sobre o meu telhado  
de telhas vermelhas como sangue.  
e, enquanto isto, sei que o  
resto do mundo não  
dormirá nunca.

E ainda, no meu sereno mundo  
ou reino de poeta,  
sem glórias, sem lágrimas, sem trocas,  
sem ódios, sem paixões e sem amores,  
as auroras vêm e voltam  
as estrelas vêm e voltam  
em cortejos numerosos,  
e com estas mãos que escreverão  
poemas até a morte

cavo, na terra úmida, minha  
velha proprietária,  
os canteiros onde nascem e  
fencem os lilazes azuis  
e as margaridas brancas  
como pequenas óstias.

No meu tranqüilo mundo ou  
reino de poeta,  
existe aquela imensa paz  
que se sucede aos infernais rumores  
e gritos de morte das grandes  
e inúteis batalhas.

## Poema

(Para meu amigo MAURO MOTA)

Já pensaste por acaso, quando repousas em teu leito  
contemplando com os olhos vagos o teto branco que  
[te cobre,  
já pensaste por acaso que este teto é um limite in-  
[significante  
que esconde de tua vista as mais belas constelações  
[de Deus?

Não, teus olhos não poderiam ver taptó,  
nem mesmo quando curvas tua cabeça triste para a  
[terra;

já pensaste por acaso nos caminhos que tens de percorrer  
abrigoando em teu corpo uma alma incolor?  
Não, se olhas o teto do teu quarto, vês alguma sombra  
[vaga

ou um inseto passear tranqüilo e ausente;  
se olhas a terra, pensas somente que poderás fugir  
[para os vales serenos

onde teus pés não encontrarão asperas.  
Um dia disseste: eu vi o Mar!  
Não alimentes esperanças  
porque são indelévels as manchas de teu espírito.  
Agora nesta noite calma eu contemplo o teu sono  
e sei que despertarás sem sonhos.

## Poema

Nasci para semear Poesia  
sobre a raça dos homens nascidos tristes.  
Nada desejo d'ête mundo aflito e louco  
senão repartir a noite e o dia  
com aqueles que ainda vivem  
na sombra dos primitivos mundos.  
Nasci para semear Poesia  
sobre a raça dos homens nascidos tristes.  
As sementes já lancei à terra, ao mar e ao céu.  
e quando flores cobrirem a terra, o mar e o céu,  
eu poderei morrer mais uma vez.  
Neste momento somos homens  
vivendo perfeitamente mortos, perfeitamente inúteis.

# Acerca do Diabo

JOÃO RIBEIRO

Por fraqueza humana, muito  
mesquinha consideração se  
presta ao diabo.

Apenas um provérbio quase  
herético escapou ao sentimento  
popular, quando diz que o diabo  
não é tão feio quanto o  
pintam.

Os ingleses dizem com igual  
veracidade que o Inimigo não é  
tão preto como nas estampas  
ortodoxas. M. Conway, demonó-  
logoista famoso, alegava o bom  
exemplo de uma dama inglesa  
que reverenciava o diabo com  
boas palavras porque não se  
deve falar mal de pessoa al-  
deve; e sendo grande o poder  
do demônio, tratá-lo bem é um  
excelente princípio: *It is safer  
dizila ela.*

Um dos grandes doutores do  
cristianismo primitivo, Oríge-  
nes, escrevia que "penas eter-  
nas" não se compadeciam com  
a infinita misericórdia de Je-  
sus.

O diabo, rebelde e contumaz,  
podia arrender-se e a crença  
geral que se tem arrendido  
algumas vezes.

Assim pensaram alguns teó-  
logos concedendo caridosamen-  
te algumas modestas virtudes  
ao Anjo do mal.

A maldade deve fatigar e  
aventuras, graças à humana  
ou divina variedade, pode o "ti-  
nho" aspirar à retidão e à  
boa fama de criatura prudente.  
Estando eu a convalescer de  
certas tristezas de espírito, re-  
fugiando-me na solitária região  
da Baixa-Francia, passei al-  
guns dias em tratamento e cura  
de meus males na risonha ci-  
dade de Wurzburg, a antiga  
Herbópolis, de encantadora me-  
dievalidade.

Achando-me aí a meditar

uma tarde ou antes a ver a  
enchente do Veno que desatava  
impetuosas caudais sob a ponte  
do Lutpold, vim a praticar com  
um desconhecido que soube ser  
mais tarde um doutor em ciên-  
cias ocultas, o qual me infor-  
mou de casos singulares e in-  
teressantes.

Vou a êsse intento um caso  
referido nas crônicas de Wur-  
zburg, que é ao mesmo tempo  
espantoso e edificante.

Havia certo fidalgo alemão  
buscado um local que o ser-  
visse e desesperava já de en-  
contrá-lo a seu agrado, quan-  
do à volta do caminho que  
levava à cidade próxima, se lhe  
apresentou um jovem de boa  
aparência, de voz doce e hu-  
milde, que desejava emprêgo  
naquelas terras.

Foram logo contratados os  
serviços e o fidalgo reconheceu  
quanto era pronto e obsequioso  
o rapaz. Foi-lhe seu pagem e ho-  
mem de toda confiança.

Uma vez em que o barão se  
viu acoçado por dois bandos  
inimigos, o rapaz aconselhou o  
seu amo a atravessar a torren-  
te do rio para fugirem ambos  
à sanha dos saltadores.

E o aviso foi logo cumprido.  
Foi como se as águas desces-  
sem o mostrassem um vão por  
onde passaram incólumes.

Só o diabo poderia aqui  
passar, clamou um dos bandi-  
dos da margem oposta.

De outra feita, a esposa do  
fidalgo adoeceu e foi achado  
pelos físicos que a examinaram,  
haver apenas um meio de a  
salvar e seria dar-lhe o leite de  
uma leão do deserto.

— Irei buscá-lo, disse o pa-  
gem.

— Como? se a Arábia ou a  
Libia ficam tão longe?

O pagem desapareceu por  
aquela noite e ao amanhecer do  
dia seguinte trazia numa varli-  
lha etíopica o remédio apre-  
tado.

O fidalgo, maravilhado d'êsse  
e de outros prodígios, não se  
conteve que não apertasse o  
pagem, exigindo-lhe a confissão  
de seus sobrenaturais poderes.

— Quem és tu, afinal?

— Eu sou «disse o pagem en-  
tre confuso e arrependido», eu  
sou um daqueles anjos decidos  
que acompanharam Beirêba na  
antiga rebelião contra o Se-  
nhor Deus. Mas, estou arrepen-  
tido e cansado da minha ver-  
gonhosa profissão de tentador  
e de demônio. Desde que fui  
precipitado do céu com as lu-  
gêneas infernais procurei entre  
as minhas maldades um res-  
quício de virtude, servindo nos  
homens para me consolar da  
minha desgraça.

E tamanho foi o abalo de  
sua c o n t r i b u i ç ã o , que, segundo  
Cristiano de Heisterbach, o diabo  
recebendo o seu salário, o  
deixou para o sino que faltava  
à igreja da aldeia próxima. E  
desapareceu.

Desapareceu? aqui as crôni-  
cas de Wurzburg interpoladas  
por um franciscano erudito di-  
zem que não. O diabo não de-  
sapareceu sem levar a esposa  
do fidalgo, aquela mesma que  
ele curara com a mezinha in-  
fernal do leite de leão.

O fidalgo, esse sim, desapa-  
receu chorando os dois seus  
amigos infelizes, a esposa que  
perfidamente o acariaciava e

# A obra completa de Adelino Fontoura

Deve ser editada êste ano a  
obra completa de Adelino Fon-  
toura, prosa e verso. Como se  
sabe, o poeta maranhense é o  
único patrono da Academia  
Brasileira de Letras, cuja obra  
ainda não foi coligida em vo-  
lume. Desde a ocasião de sua  
morte, em 1884, numerosas ten-  
tativas foram feitas para que  
os poucos versos que êle deixou,  
os artigos de jornal que pro-  
duziu, fossem reunidos e edi-  
tados. Quantos nomes ilustres  
estiveram interessados no as-  
sunto! Artur Azevedo, Coelho  
Neto, Luiz Murat, Pereira da  
Silva, tantos outros.

Agora, afinal depois de um  
patientíssimo labor, o sr. Luiz

trala e aquele pagem tão cheio  
de obsequios e serviços.

Não tenho autoridade para  
desmentir um franciscano que  
tanto contribuiu para o esplên-  
dor da Ordem seráfica, mas cá  
em baixa, posso repetir com o  
vulgo ignaro que o diabo não  
é tão feio como o pintam.

Um poeta sagrado, inglês,  
George Herbert, é da mesma  
minha opinião quando escreve:

We paint the Devil black,  
lyet he  
Hath some good in him...

E, depois, comentando o caso  
da esposa do fidalgo alemão,  
poderia acaso dizer o franciscano  
se foi o diabo que levou a  
matrão ou se foi ela que  
levou o diabo?

O caso é sério, disse-me o  
doutor das ciências ocultas na  
ponte de Lutpold, por onde  
passavam as águas e talvez,  
passasse a baroneza.

(Da Floresta de Exemplos).

Felipe Vieira Souto — escritor  
benemérito, que já logrou reu-  
nir as jóias dispersas de in-  
tro grande perdulário das li-  
tras brasileiras, Artur de Oli-  
veira — tem reunido tudo o  
que escreveu Adelino Fon-  
toura.

Obra organizada para a Aca-  
demia Brasileira de Letras (co-  
mo já o foram os Dispersos de  
Artur de Oliveira), contamos  
em que no decorrer do ano pre-  
sente venha ela a ornar as es-  
tantes das nossas livrarias.

Será então possível fazer do  
talento poético e literário do  
autor de *Araújo e Repulção*  
um juízo exato, a crítica serena  
e justa que há mais de meio  
século êle espera.

## "EDIÇÕES

## MELHORAMENTOS"

— Está entregue ao mercado  
leitor a vigésima sexta edição  
do famoso romance de Tamyas  
Inocência, um dos pilares bá-  
sicos da nossa formação lite-  
raria. E mais um lançamento  
das "Edições Melhoramentos".

\*

— Poucos sabem que há no  
Brasil um versão de Os Lu-  
siadas, especialmente para a  
nossa juventude escolar. E' um  
lançamento das "Edições Me-  
lhoramentos", que se encontra  
já na sétima edição.

\*

— O folclore está na ordem  
do dia na programação de nos-  
sas editoras. Em segunda edi-  
ção, a "Melhoramentos" acaba  
de lançar a apreciada obra de  
Lindolfo Gomes, "Contos Po-  
pulares Brasileiros".